



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS
ESCOLA DE BELAS ARTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

MAR DE SONHOS

MARIA EDUARDA LOUSADA FERNANDES
DRE 118167451

Rio de Janeiro

2022

MAR DE SONHOS

MARIA EDUARDA LOUSADA FERNANDES

DRE 118167451

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Setor Pintura, Dep. De Artes Base da
Escola de Belas Artes da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em
Pintura, como requisito para a obtenção do
título de Bacharel em Pintura.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Meyer Barreto

Rio de Janeiro

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Barreto.

Trabalho de conclusão de
curso (graduação) -

Universidade Federal do Rio de

Janeiro, Escola de Belas

Artes, Bacharel em Pintura,

2022.

L892m
Lousada Fernandes, Maria Eduarda
Mar de Sonhos / Maria Eduarda
Lousada Fernandes. -- Rio de Janeiro, 2022.
68 f.
Orientador: Pedro Meyer

1. Sonhos. 2. Pintura. 3. Simbologia da água. 4. Análise de sonhos. I. Meyer Barreto, Pedro, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto -
CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA / DEP. BAB O

MAR DE SONHOS

Maria Eduarda Lousada Fernandes / 118167451

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovada em:

Prof. Dr. Pedro Meyer Barreto (orientador) / BAB EBA UFRJ

Prof.^a Dra. Martha Werneck de Vasconcellos / BAB EBA UFRJ

Prof. Dr. Júlio Ferreira Sekiguchi / BAB EBA UFRJ

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família, em especial minha mãe, Candida Lousada e minhas irmãs, Amanda e Nathalia, por todo apoio, carinho e amor, que me ajudaram durante todo o meu percurso na graduação e como artista. Sem vocês, não seria possível estar aqui hoje.

Ao meu orientador, Pedro Meyer, meus agradecimentos por sempre se mostrar disponível e me orientar com paciência e compreensão.

Aos professores, Martha Werneck e Rafael Bteshe, que foram essenciais para o desenvolvimento da minha pesquisa na pintura e grandes inspirações para mim como artista.

Aos meus companheiros de turma, Alessandra, David, Helena, Isadora e Guilherme, pela amizade, atenção, parceria e por todas as vezes que tornaram essa caminhada mais fácil, divertida e leve.

Aos demais meus colegas e professores que fizeram parte deste percurso e o tornaram mais especial. Obrigada por todos os aprendizados, trocas e conversas que são essenciais na formação de um artista.

E, finalmente, a mim mesma: obrigada pelas escolhas difíceis e necessárias que me fizeram trilhar esta jornada. Obrigada por não desistir nos momentos difíceis e sempre procurar aprender e evoluir.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Flutuar. Série Afundo. Óleo sobre tela. 40 x 60 cm. 2021. Fonte: a autora.

Figura 2 - Mergulhar. Série Afundo. Óleo sobre madeira. 60 x 60 cm. 2021. Fonte: a autora.

Figura 3 - Afogar. Série Afundo. Óleo sobre tela. 40 x 50 cm. 2021. Fonte: a autora.

Figura 4 - Devaneio. Óleo sobre tela. 40 x 50 cm. 2021. Fonte: a autora.

Figura 5 - Odette. Óleo sobre madeira. 80 x 60 cm. 2021. Fonte: a autora.

Figura 6 - Dorothea Tanning. *Chiens de Cythère*. Óleo sobre tela. 196.9 x 297.2 cm. 1963.

Fonte: Dorothea Tanning. Disponível em:

<<https://www.dorotheatanning.org/life-and-work/view/117/>>. Acesso em 22 de jun. 2022.

Figura 7 - Dorothea Tanning. *On Avalon*. Óleo sobre tela. 195.6 x 330.2 cm. 1987. Fonte:

Dorothea Tanning. Disponível em:

<<https://www.dorotheatanning.org/life-and-work/view/108/>>. Acesso em 22 de jun. 2022.

Figura 8 - Dorothea Tanning. *Guardian Angels*. Óleo sobre tela. 122.2 x 88.9 cm. 1946.

Fonte: Dorothea Tanning. Disponível em:

<<https://www.dorotheatanning.org/life-and-work/view/66/>>. Acesso em 22 de jun. 2022.

Figura 9 - Wilhelm Sasnal. Fonte: Colossal. Disponível em:

<<https://www.thisiscolossal.com/2019/01/paintings-by-wilhelm-sasnal/>>. Acesso em: 24 de jun. 2022.

Figura 10 - Nicole Eisenman. Ouija. Litografia. 95.3 x 69.5 cm. 2012. Fonte: Artsy.

Disponível em: <<https://www.artsy.net/artwork/nicole-eisenman-ouija>>. Acesso em: 24 de jun. de 2022.

Figura 11 - Iberê Camargo. Solidão. Óleo sobre tela. 200 x 400 cm. 1994. Fonte: Fundação Iberê Camargo. Disponível em: <<http://iberecamargo.org.br/obra/p165/>>. Acesso em: 24 de jun. de 2022.

Figura 12 - Cândido Portinari. Jangada e Carcaça. Óleo sobre tela. 73 x 59.5 cm. 1940.

Fonte: Google Arts and Culture. Disponível em:

<<https://artsandculture.google.com/asset/raft-and-carcass/2wEYCWb--ygIpA?hl=pt-br>>.

Acesso em: 24 de jun. de 2022.

Figura 13 - Odilon Redon. *Apollo's Chariot*. 1906. Fonte: Art Zealous. Disponível

em:<<https://artzealous.com/the-art-and-astrology-of-odilon-redon/>> Acesso em: 25 de jun. de 2022.

Figura 14 - Adriana Varejão. Sauna Musa. Óleo sobre tela. 50 x 60 cm. 2004. Fonte: Pinterest. Disponível em:<<https://br.pinterest.com/pin/486881409714087703/>>. Acesso em 10 de jul. de 2022.

Figura 15 - Escalda. Óleo sobre madeira. 23 cm de raio. 2021. Fonte: a autora.

Figura 16 - Processo da pintura Passagem. Fonte: a autora.

Figura 17 - Passagem. Série Mar de Sonhos. Óleo sobre tela. 50 x 50 cm. 2022. Fonte: a autora.

Figura 18 - Gênesis. Acrílica sobre tela. 55 x 92 (díptico). 2022. Fonte: a autora

Figura 19 - Processo da pintura Encruzilhada. Fonte: a autora

Figura 20 - Encruzilhada. Série Mar de Sonhos. Óleo sobre madeira. 80 x 60 cm. 2022. Fonte: a autora.

Figura 21 - Ruptura. Acrílica sobre tela. 55 x 46 cm. 2022. Fonte: a autora.

Figura 22 - Corrente. Óleo sobre papelão entelado. 21 x 21 cm. 2021. Fonte: a autora.

Figura 23 - Processo da pintura Voragem. Fonte: a autora.

Figura 24 - Voragem. Série Mar de Sonhos. Óleo sobre tela. 60 x 40 cm. 2022. Fonte: a autora.

Figura 25 - Substância. Óleo sobre madeira. 50 x 50 cm. 2021. Fonte: a autora.

Figura 26 - Refresco. Acrílica sobre tela. 30 x 24 cm. 2021. Fonte: a autora.

Figura 27 - Adentro. Aquarela e pastel oleoso sobre papel. 21 x 21 cm. 2021. Fonte: a autora.

Figura 28 - Reflexo. Aquarela e pastel oleoso sobre papel. 21 x 29 cm. 2021. Fonte: a autora.

Figura 29 - Auto retrato. Guache sobre papel. 29 x 21 cm. 2016. Fonte: a autora.

Figura 30 - Estudos em aquarela para pintura *Self*. Fonte: a autora.

Figura 31 - Processo da pintura *Self*. Fonte: a autora.

Figura 32 - *Self*. Série Mar de Sonhos. Óleo sobre tela. 46 x 38 cm. 2022. Fonte: a autora.

SUMÁRIO

1. MERGULHANDO EM MIM.....	09
2. OS SONHOS.....	16
2.1 A Humanidade e os Sonhos.....	16
2.2 O Olhar da Psicanálise de Sigmund Freud.....	17
2.3 O Olhar da Psicologia Analítica de Carl Jung.....	18
2.4 Os sonhos na Arte.....	20
3. A ÁGUA.....	27
3.1. Água e sua simbologia.....	27
3.2 Água na religião.....	29
4. DESVENDANDO MEUS SONHOS.....	33
4.1. A série Mar de Sonhos.....	33
4.2. Sobre cada pintura.....	33
4.2.1 Passagem.....	33
4.2.2 Encruzilhada e Voragem.....	37
4.2.3 <i>Self</i>.....	45
5. PARA ALÉM DOS SONHOS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
ANEXO.....	59

“O rio não precisa ser nosso; a água não precisa ser nossa. A água anônima conhece todos os meus segredos. E a mesma lembrança jorra de cada fonte”. (Gaston Bachelard, 1942)

“Somos feitos do tecido de que são feitos os sonhos” (Shakespeare, 1623).

1. MERGULHANDO EM MIM

Desde o início da graduação, os professores propuseram o conceito de poética, o qual inclui tanto um pensamento teórico quanto pictórico sobre a produção. Posto isso, ter que pensar nas minhas afinidades plásticas e na temática que eu gostaria de abordar em minhas pinturas foi inicialmente um grande desafio.

Durante esse período, algumas atividades foram propostas nas quais exercitávamos nossa criatividade e fazíamos uma autorreflexão. Entre as atividades, foi proposto *brainstorm*, no qual fomos incentivados a escrever palavras e conceitos que nos interessavam. Além disso, também desenvolvemos um mapa mental com imagens que chamavam nossa atenção ou que nos reverberavam de certa forma. Ao fazer esses exercícios, sempre via palavras ou imagens que tivessem ligação com o mar, a água, o íntimo e a introversão. Entretanto, nos primeiros períodos acabei dedicando minha produção a outros conceitos, mesmo sem realmente me sentir conectada a eles, algo que, inclusive, dificultava minha produção e meu processo artístico.

Somente após o período da quarentena, que a poética que desenvolvo hoje, se mostrou para mim. Gosto de usar a palavra mostrar, pois vejo o processo de chegar nesse desenvolvimento quase como um processo inconsciente, fui percebendo os conceitos que abordo hoje aparecendo em minha mente inconscientemente e, foi por isso que decidi investigá-los.

Ao longo deste período de reclusão, fomos obrigados a conviver muito mais com nós mesmos. Não havia mais distrações do dia a dia e nem tanto convívio com outras pessoas. Assim, pude perceber questões latentes que não percebia antes. Uma delas foi o sonhar com a água. Sempre tive muitos sonhos com o mar e a água, mas os percebia como qualquer outro sonho, foi só durante a quarentena que percebi a frequência com que esses sonhos se repetiam. Além disso, pude perceber que meu desejo de ir ao mar sempre estava presente e se me sentia estressada ou ansiosa, me imaginava no mar como forma de me acalmar.

Unido a essas inclinações pessoais, percebi que, ao pensar uma série que abordasse meus sentimentos durante a pandemia, inclui em todas as composições a água de alguma forma. Em algumas era apenas um copo d'água e eu nem conseguia realmente entender o motivo da presença daquele elemento ali.

Dessa forma, fui percebendo pela primeira vez o quanto a água tinha um papel muito forte e decisivo para mim. Tanto como um refúgio, quanto como um mediador plástico capaz

de expressar meus sentimentos, esse elemento se mostrou cada vez mais presente no meu inconsciente e, assim, percebi que tinha que investigá-lo.

A primeira série na qual investigo a água chama-se Afundo. Ela continua sendo muito importante e significativa para mim, pois através dela, consegui identificar os conceitos pelos quais me interesso. Eu fiz essa série na disciplina de pintura II, no semestre de 2020.1. Nela, quis representar o processo de perceber, conhecer e mudar, e expressar como essa mudança interna acontece. O primeiro trabalho da série chama-se Flutuar (figura 1) e aborda o início dessa mudança, na qual é preciso se deixar levar pelo processo, sem muito controle e nem racionalidade. O segundo chama-se Mergulhar (figura 2), no qual exploro esse movimento em uma fase mais avançada e todas as incertezas que isso causa. O terceiro e último trabalho da série chama-se Afogar (figura 3), que seria a representação do último momento desse processo de mudança, no qual o sujeito já está totalmente imerso neste movimento e todo o medo e angústia que encontrar esse novo eu pode causar. Para isso, escolhi a mão, pois queria que a mesma representasse um pedido de socorro e uma tentativa de alcançar uma permanência inatingível, assim como a criação de um novo ser.

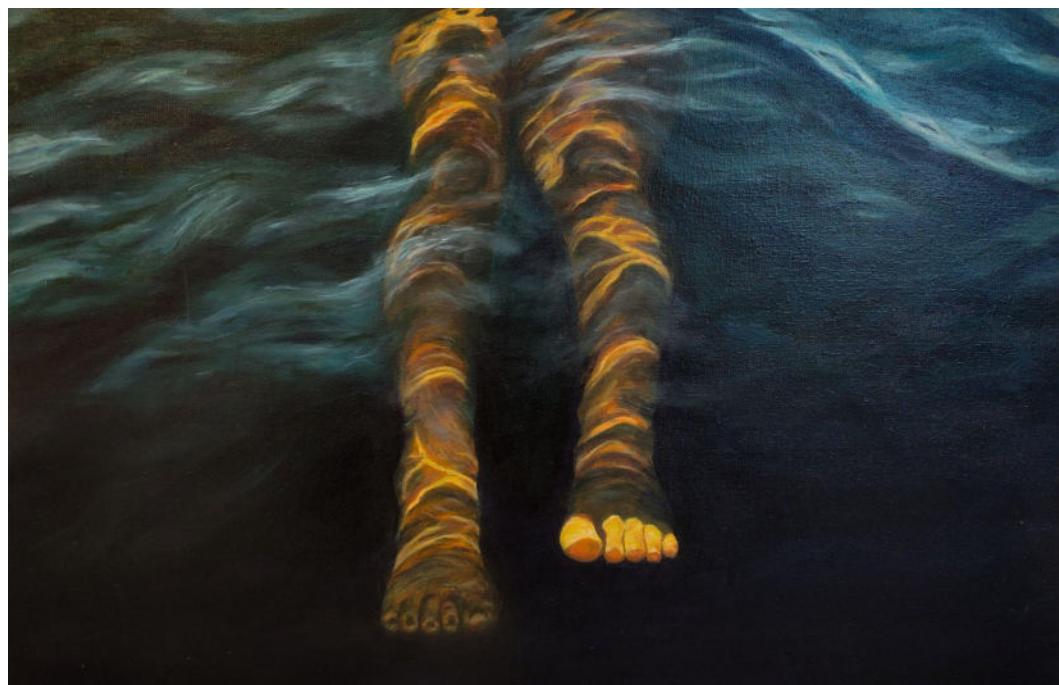


Figura 1: Flutuar. Série Afundo. Óleo sobre tela. 40 x 60 cm. 2021

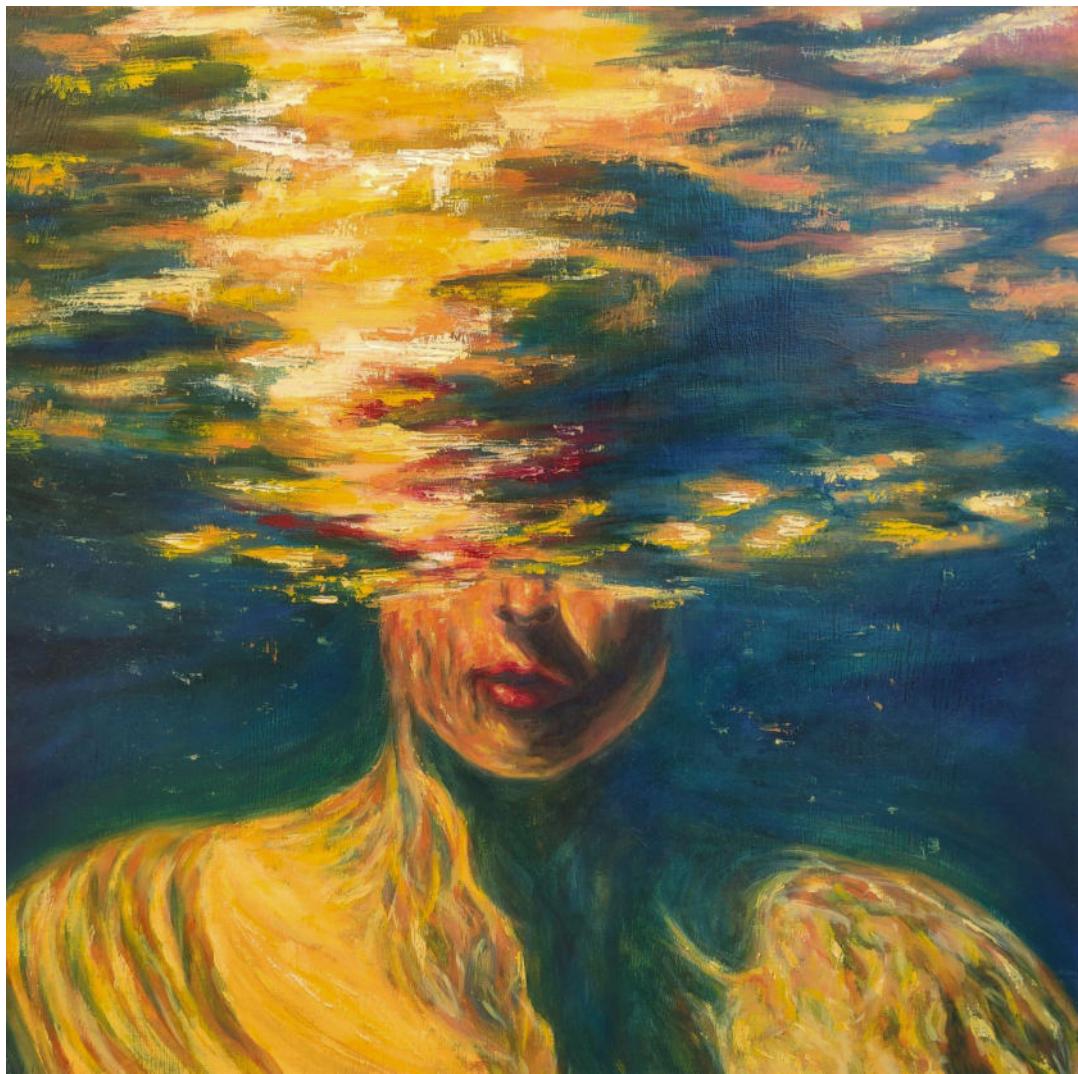


Figura 2: Mergulhar. Série Afundo. Óleo sobre madeira. 60 x 60 cm. 2021



Figura 2: Afogar. Série Afundo. Óleo sobre tela. 40 x 50 cm. 2021

Através da água, também expressei sentimentos mais profundos, ligados à melancolia. Segundo Bachelard, a água é tanto símbolo de vida, quanto de morte. Ela é o mediador plástico entre a vida e a morte. Essa morte simbolizada pela água seria uma morte especial, uma morte de sono e melancolia. Bachelard aborda a ligação entre água e tristeza na seguinte passagem:

Eu imaginava que cada sombra, a medida que o sol descia mais baixo, sempre mais baixo, separavase pesarosamente do tronco que lhe dera nascimento e era absorvida pelo regato, enquanto outras sombras nasciam a cada instante das árvores, tomando o lugar de suas primogênitas defuntas. Enquanto estão presas à árvore, as sombras ainda vivem: morrem ao deixá-la; e a deixam morrendo, sepultando-se na água como uma morte mais negra. [...] Cotidianamente a tristeza nos mata. A tristeza é a sombra que cai na água. (BACHELARD, 1997)

A pintura correspondente à Figura 4 representa esse outro aspecto da água, uma água mais escura, profunda e dormente. Ela chama-se Devaneio, que por definição seria: estado de divagação do ser humano; Pensamento vago; estado de espírito de quem se deixa levar por lembranças, sonhos e imagens, ignorando o contato com a realidade ou ambiente que os rodeia. Esse quadro foi inspirado pela imagem da Ofélia, que é um símbolo de melancolia, e também por uma frase do filósofo Heráclito: “Para almas é morte tornar-se água, e para água é morte tornar-se terra, e de terra nasce água, e de água alma.” (HERÁCLITO. *Fragmentos*. p. 91.) Heráclito acreditava no devir e, ao ler sobre esse pensamento, me veio a seguinte pergunta: Quando o devir vira devaneio?



Figura 4: Devaneio. Óleo sobre tela. 40 x 50 cm. 2021

Em outro momento, comecei a pesquisar mais sobre outros símbolos relacionados à poética da água e entre esses símbolos o cisne me interessou. O cisne pode ser visto em várias histórias e mitos, sendo um elemento muito rico, capaz de representar diversos conceitos. Ele pode ser visto como objeto de desejo, beleza e contemplação, assumindo um caráter feminino

e sendo até uma alegoria para a mulher nua. O cisne também pode revelar traços masculinos quando associado à ação. Há um mito que o cisne emitiria um último canto antes de sua morte, que seria o canto mais bonito e esplêndido de sua vida. Esse canto já foi muito associado às juras de amor e também a tentativa de fazer um último ato grandioso antes de morrer. Para mais, o cisne é símbolo de transformação, identidade, pureza, ocultismo, nascimento e morte. Dessa forma, escolhi pintar um quadro que evocasse esse elemento. Ele chama-se Odette (figura 5), já que esse é o nome da princesa que foi transformada em cisne no famoso Ballet O Lago dos Cisnes.



Figura 5: Odette. Óleo sobre madeira. 80 x 60 cm. 2022

A água, assim, se mostrou capaz de explorar muitos conceitos, geralmente associados ao processo introspectivo, como o íntimo, impermanência, mudança, ciclos, efemeridade, memória e outros. Ao longo desta investigação, comecei a perceber a minha arte e a água como uma forma de me conectar com minha próprias experiências, me conhecer e me expressar. Eu comecei uma pesquisa para poder compreender melhor a iconografia e simbologia da água, outros símbolos que tivessem ligação com esse elemento e o conceito de inconsciente, já que foi através dele que a água apareceu pra mim, ao julgá-lo como importante para um conhecimento de si. Algo que é uma constante busca em minha vida e se reflete em meu trabalho artístico. Nesta pesquisa sobre o inconsciente, surgiu a vontade de explorar meus sonhos, tendo em vista que os mesmos são caminhos para o compreendê-lo e foram de suma importância para que eu iniciasse e investigasse os conceitos presentes em meu trabalho hoje. Meus sonhos recorrentes com a água sempre me intrigaram e nunca consegui compreendê-los verdadeiramente. Desse desejo de maior compreensão e dessa curiosidade surgiu essa pesquisa.

2. OS SONHOS

2.1 A Humanidade e os Sonhos

Os seres humanos enfrentam uma série de atividades rotineiras essenciais para sua sobrevivência e uma delas é o sono. É estimado que uma pessoa passa $\frac{1}{3}$ de sua vida dormindo e os sonhos fazem parte de toda noite de sono e, mesmo que não se lembrem, é estimado que sonha-se entre quatro a seis vezes por noite.

Essa atividade rotineira de sonhar desperta a curiosidade humana desde os primórdios, fascinando os humanos, que sempre tentaram desvendar os conteúdos oníricos e suas possíveis mensagens. Estudos mostram que os sonhos foram abordados desde os primeiros filósofos até a psicologia moderna e continuam gerando grandes debates e conversas na atualidade, tanto no âmbito acadêmico, quanto na espiritualidade, misticismo e religião.

No Egito Antigo, acreditava-se que os sonhos seriam mensagens da deusa Ísis e, por isso, eram interpretados por sacerdotes.

Na Grécia Antiga havia a crença que os sonhos eram mensagens divinas e sobrenaturais, relacionados a deuses e demônios, premonição do futuro e indicação de doenças e curas. O pensador grego Artemidoro deu a seguinte definição ao sonho: “O sonho é um movimento ou uma modelagem polimorfa da alma que significa o bem ou o mal que virá com os acontecimentos futuros.” (2009, p. 23). Foi só por volta do século IV a.C, quando o filósofo Aristóteles escreveu *Da Adivinhação pelo Sonho*, que os sonhos passaram a ser vistos como possível objeto de estudo psicológico e a crença de uma natureza divina nos sonhos começou a perder força. Aristóteles atribuiu sonhos à coincidência, um produto residual das percepções, gerados por estímulos ambientais e corporais do indivíduo. Ele argumentava que não havia causa razoável que explicasse a existência da adivinhação por meio dos sonhos, e que se animais além do homem podem sonhar, então os sonhos não podem ser enviados por deuses.

Esse tema passou a ser mais bem compreendido quando o foi estudado pelo médico neurologista austriaco, Sigmund Freud. Ele publica o livro *Interpretação dos Sonhos* no início do século XX, e nele diz que os sonhos seriam resultado da atividade psíquica humana com função de satisfazer desejos inconscientes e elaborar conflitos reprimidos.

Após Freud, o psiquiatra suíço Carl Jung também dedicou boa parte de sua pesquisa para desvendar os conteúdos oníricos. Para Jung, os sonhos trazem à tona a natureza ancestral profunda do homem, na forma de símbolos universais, que podem ser decifrados e integrados à consciência.

Apesar de algumas diferenças, ambas as abordagens, psicanalítica e junguiana, concordam em relacionar os sonhos aos conteúdos inconscientes do sujeito, vendo-os como via régia para o inconsciente e uma forma de desvendá-lo e compreendê-lo.

2.2 O Olhar da Psicanálise de Sigmund Freud

Freud passa a inserir a interpretação dos sonhos no processo analítico após abandonar a hipnose e começar a utilizar a associação livre, em que o paciente traz as ideias que lhe vêm à mente de forma mais livre, podendo incluir seus sonhos. Freud usava esse método para acessar os conteúdos reprimidos, que seriam para ele a parte mais essencial da psicanálise. Os sonhos, por sua vez, seriam uma via real ao inconsciente e a realização dos desejos reprimidos. Sobre os sonhos, Freud disse:

No fundo os sonhos nada mais são do que uma forma particular de pensamento, possibilitada pelas condições do sono. É o trabalho do sonho que cria essa forma, e só ele é a essência do sonho – a explicação de sua natureza peculiar ; o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica (FREUD, 2019, p. 446; p. 554).

Para ele, os sonhos poderiam funcionar como uma válvula de escape ao cérebro, posto que, durante o sonho ele sofre menos pressão da censura, podendo curar e aliviar. Neles, acontecem uma reprodução de uma lembrança inconsciente e impressões que tiveram um impacto maior do que percebeu-se na sua ocorrência. Os sonhos podem expressar conteúdos da infância, como traumas e lembranças inacessíveis, somados com estímulos externos e internos e experiências recentes. Há o sentido manifesto, que seria uma fachada, que teria relação com os acontecimentos, objetos e pessoas e o sentido latente, que seria os elementos subjacentes manifestados no sonho e que representa o real e importante significado, relevando os desejos reprimidos do sonhador. Esses desejos e emoções reprimidas fazem parte de um inconsciente infantil que não se adequa mais ao presente, sendo assim, pode trazer danos e representar um perigo à vida psíquica. Interpretar os sonhos seria conhecer o sentido real, o conteúdo latente. Essa interpretação é geralmente inconclusa, pois as impressões da vida consciente junto com uma distorção gerada pela censura acabam dificultando essa análise. Entretanto, se deparar com o verdadeiro sentido do sonho seria penetrar ao fundo dos segredos pessoais e profundos, exprimindo conteúdos graves e valiosos.

Freud listou alguns símbolos presentes nos sonhos que ele considerava como universais, para ele essa lista não era extensa, pois eram símbolos comuns nos sonhos compartilhados por todos os seres humanos, ele disse: “A gama de coisas às quais se confere uma representação simbólica nos sonhos não é ampla: o corpo humano como um todo, os pais, os filhos, irmãos e irmãs, nascimento, morte, nudez e algumas outras coisas mais.” (1915-1916, Conferência X, p. 154). Para o psiquiatra, a morte podia ter relação com uma viagem ou com o partir, a figura humana poderia representar a casa, a água estaria relacionada ao nascimento.

2.3 O Olhar da Psicologia Analítica de Carl Jung

Jung via o inconsciente como parte natural do dinamismo da psique e até como potencial criativo, que estaria a serviço do sujeito. Os sonhos para Jung seriam uma ferramenta da psique que ajudaria o sujeito a regular energias físicas e mentais, equilibrando corpo, mente e alma, ajudando o indivíduo a ter uma vida menos fragmentada e mais consciente de si e de suas escolhas. Os personagens arquetípicos interagiriam nos sonhos com a finalidade de revelar as causas de desarmonias interiores e da angústia emocional, e assim, levar os conteúdos inconscientes ao consciente, visando solucionar problemas e alcançar o equilíbrio. Segundo Marie-Louise von Franz em *O Caminho dos Sonhos*, Jung afirma que, enquanto dormem, as pessoas despertam através dos sonhos para aquilo que realmente são.

Jung propõe o conceito de inconsciente pessoal e de inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal seria formado por experiências subconscientes, ideias e passagens perdidas pela memória consciente. Já o inconsciente coletivo, seria formado por um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade. Ele não se desenvolve individualmente, não se deve a experiências e sentimentos pessoais, é herdado. O inconsciente coletivo seria um reservatório de imagens latentes, chamados por Jung de arquétipos ou imagens primordiais, que cada pessoa herda de seus ancestrais. Jung chegou nesse conceito durante suas viagens. Ele se deparou com pessoas que tinham sonhos com características de religiões e mitos aos quais nunca tiveram contato. Elas conseguiam lembrar e descrevê-los com detalhes, mesmo sem o conhecimento prévio sobre. Ou seja, era algo que estava apenas armazenado em suas mentes, sendo-lhes passado por décadas de forma inconsciente.

Pelo inconsciente coletivo, as imagens representativas dessas crenças passadas, como mitos, ritos e símbolos, são transmitidas entre as gerações e estariam presentes nos sonhos. O conhecimento destes permitiria que as imagens oníricas fossem analisadas e, assim, revelar os segredos que a consciência desconhece.

Jung acreditava que as experiências da vida de vigília teriam associações particulares e seriam expressadas com intensidades diferentes nos sonhos e não julgava que isso configurava uma fachada proposital, como Freud, achava que apenas haveria uma dificuldade em captar o conteúdo emocional da linguagem ilustrada.

A psicologia junguiana dá uma importância singular aos sonhos, pois os considera como uma forma do homem moderno compreender as contribuições dos instintos e do inconsciente que se expressam através deles, uma vez que acaba se privando dos meios de assimilá-los, por estar rodeado de conhecimento científico, processo chamado de perda da psique primitiva. Essas contribuições estariam ligadas ao que o Jung chama de Si-mesmo ou *Self*. Ele seria a totalidade absoluta da psique pois representa o âmbito total de todos os fenômenos psíquicos, contendo as expressões inconscientes e conscientes, sendo responsável pela associação que o sujeito faz de suas vivências com algo misterioso e divino. Esse conceito seria inteligível ao indivíduo, se expressando somente nos conteúdos oníricos e orientando seu desenvolvimento. Assim, a interpretação dos sonhos dá a possibilidade de assimilação consciente do *Self*, um centro interior mais forte que o ego, gerando equilíbrio e estabilidade à personalidade.

Esse reconhecimento do *Self* é muito importante para o chamado processo de individuação, no qual a pessoa na vida consciente tenta compreender e desenvolver as

potencialidades individuais inatas da psique. Jung diz que o *Self* aparece nos sonhos quando há crises na vida do sujeito, pois a falta de harmonia com ele seria o causador das denominadas neuroses. O *Self* geralmente tem imagem de um ser com o mesmo sexo do sonhador, é uma figura superior, sábia e possivelmente com poderes sobrenaturais. Também pode aparecer como formas geométricas, tais como as mandalas, círculos, pirâmides e quadrados. Sobre o Si-mesmo, Jung conclui que se trata de um conceito transcendente, Stein (op. cit.: 137) define esse posicionamento:

Para Jung, o si-mesmo é transcendente, o que significa que não é definido pelo domínio psíquico nem está contido nele mas situa-se, pelo contrário, além dele e, num importante sentido, define-o.

Jung também traz essa relação da psique com o divino (Deus), na seguinte passagem:

...deve haver na alma uma possibilidade de relação [com Deus], isto é, forçosamente ela deve ter em si algo que corresponda ao ser de Deus, pois de outra forma jamais se estabeleceria uma conexão entre ambos. Esta correspondência, formulada psicologicamente, é o arquétipo da imagem de Deus.

(Jung, [1944] 1994: par. 11, grifos do autor)

Outro elemento que Jung diz presente nos sonhos é a sombra. Ela representaria tendências ou qualidades desconhecidas pelo ego, como fantasias irreais ou traços de personalidade que envergonhariam o sujeito e que ele reconheceria nos outros, mas não em si. A sombra, assim como o *self*, pode aparecer nos sonhos como uma figura do mesmo sexo, contudo, seria uma pessoa indesajável. Por vezes a mesma figura pode tanto representar o *self* quanto a sombra.

Anima e animus também são elementos presentes nos sonhos. Eles fazem parte da projeção da sombra. Anima é a personificação das tendências e características femininas inconscientes do homem, já o animus se refere às tendências e às características masculinas no inconsciente da mulher. O elemento anima pode ter o seu caráter definido com base na relação do homem com sua mãe, podendo apresentar características positivas e negativas, expressando-se por meio de imagens oníricas femininas. Igualmente, o elemento animus pode ter o seu caráter definido com base na relação da mulher com o pai, expressando-se por meios de imagens oníricas masculinas. Assim, esses elementos são expressados nos sonhos por meio de imagens do sexo oposto do sonhador.

Jung destaca que, para uma análise dos sonhos, é necessário reconhecer que eles não se reduzem a uma significação única, são ricos de sentidos. Da mesma forma, a análise não deve ser feita em sonhos isolados, sendo necessária uma série de sonhos ligados à situação consciente. Sobre essa questão, Jung afirma: “há entre o consciente e o sonho a mais rigorosa causalidade e uma relação precisa em seus mínimos detalhes” (1971/2008).

2.4 Os sonhos na Arte

O tema dos sonhos já foi amplamente explorado na história da arte, sendo o Surrealismo o movimento em que sua utilização foi mais marcante.

Este movimento surgiu com a publicação do Manifesto Surrealista, por André Breton, em 1924. Ele está inserido no contexto das vanguardas e assim, no período pós guerra, um contexto de crise de valores e de necessidade de introspecção humana. Foi fortemente influenciado pela psicanálise de Freud e o livro *Interpretação dos Sonhos*, deste modo, é um movimento que valoriza o inconsciente, promove uma utopia do sonho e propõe a restauração dos sentimentos humanos e do instinto. A arte surrealista parece surgir da necessidade de uma visão totalmente introspectiva de si mesmo, do ponto onde a razão humana se liberta de qualquer forma de controle e o homem recupera seus instintos primários. Ela pretendia produzir uma linguagem imagética capaz de dar voz ao inconsciente. Walter Benjamin, se referiu ao surrealismo da seguinte forma:

A vida só parecia digna de ser vivida quando se dissolvia a fronteira entre o sono e a vigília, permitindo a passagem em massa de figuras ondulantes, e a linguagem só parecia autêntica quando som e a imagem, e a imagem e o som, se interpenetravam, com exatidão automática, de forma tão feliz que não sobrava a mínima fresta para inserir a pequena moeda a que chamamos sentido. (BENJAMIN, 1987, p. 22).

Os Surrealistas vivenciaram experiências inovadoras na arte. Para eles, a arte estava destruída pelo racionalismo, assim buscavam se libertar das exigências da lógica e da razão e ir além da consciência cotidiana. Para os surrealistas, existia outra realidade, tão e até mais real e lógica que a exterior, que é a dos sonhos, da fantasia, dos jogos espontâneos do inconsciente. Consideravam o mundo onírico como matéria para a composição artística e o tomavam como modelo de uma nova concepção de forma. Deste modo, promoviam a análise dos sonhos e a experimentação de diversos estados de consciência como forma de expressar esse mundo do inconsciente e dos sonhos. Explorando as fronteiras entre o sonho e o verossímil, buscando algo além do real ou um real superior, uma representação de mistérios sem solução e de um universo repleto de imprecisões. Para eles, o inconsciente conteria uma

sabedoria ancestral e uma potência criativa muito maior que a racionalidade do mundo acordado. Muitas vezes até romantizam a loucura e delírios, se colocavam a favor da insanidade, ignorando o sofrimento real de pessoas com doenças mentais.

Entre minhas inspirações do Surrealismo, está a Dorothea Tanning. A mesma foi uma grande artista, mas não teve sempre o reconhecimento e fama merecidos por estar incluída num contexto machista e também pelo próprio movimento surrealista, que era misógino e excludente.

As pinturas de Tanning são muitas vezes ilustrações diretas de seus sonhos. Ela desenvolveu uma linguagem visual própria para explorar suas experiências e complexidade emocional e psicológica. Ela pretendia capturar o momento, com todas as suas identidades complexas. Ela estava interessada nos espaços fluidos entre as realidades, lugares de infinitas possibilidades. Os personagens de sua pintura, são frequentemente representados em estados de transformação física, emocional ou psicológica, muitas vezes também com olhos fechados.

Em seus trabalhos, há bastante presença de formas femininas, seus limites, movimentos, abstrações e sensações, marcados pelo dinamismo, fluxo e pinceladas energéticas. Assim, a artista explorou a riqueza da experiência humana do ponto de vista feminino, abordando temas como corpo feminino, maternidade, puberdade, violência e dinâmicas de relacionamento. Sobre seu trabalho, tanning disse:

Eu nunca senti a necessidade de cultivar meu inconsciente. Antes ou agora. Ele está lá. Alquimicamente fundido com meu consciente, assegurando minha individuação. Eles se unem e trabalham juntos para fazer de mim o que quer que eu seja.
(TANNING, 1989)

A seguir, selecionei alguns trabalhos da autora que acho pertinentes a minha pesquisa.



Figura 6: Dorothea Tanning. *Chiens de Cythère*. Óleo sobre tela. 196.9 x 297.2 cm. 1963

Fonte: Dorothea Tanning. Disponível em: <<https://www.dorotheatanning.org/life-and-work/view/117/>>. Acesso em 22 de jun. 2022.



Figura 7: Dorothea Tanning. *On Avalon*. Óleo sobre tela. 195.6 x 330.2 cm. 1987

Fonte: Dorothea Tanning. Disponível em: <<https://www.dorotheatanning.org/life-and-work/view/108/>>. Acesso em 22 de jun. 2022.



Figura 8: Dorothea Tanning. *Guardian Angels*. Óleo sobre tela. 122.2 x 88.9 cm. 1946

Fonte: Dorothea Tanning. Disponível em: <<https://www.dorotheatanning.org/life-and-work/view/66/>>. Acesso em 22 de jun. 2022.

A temática dos sonhos, porém, não é exclusiva dos surrealistas, já tendo sido abordada por toda história da arte e ainda sendo nos dias atuais. Para além, muitos artistas, mesmo sem abordar essa temática diretamente, criam composições que se equilibram entre realismo e abstração ou composições estilizadas e incomuns, que assim, parecem ter saído de um sonho. Esse flerte com os conteúdos inconscientes e oníricos pode gerar resultados muito interessantes, capazes de despertar sensações singulares e profundas. Abaixo, selecionei alguns trabalhos que considero atingir esse resultado.



Figura 9: Wilhelm Sasnal

Fonte: Colossal. Disponível em: <<https://www.thisiscolossal.com/2019/01/paintings-by-wilhelm-sasnal/>>.

Acesso em: 24 de jun. 2022.

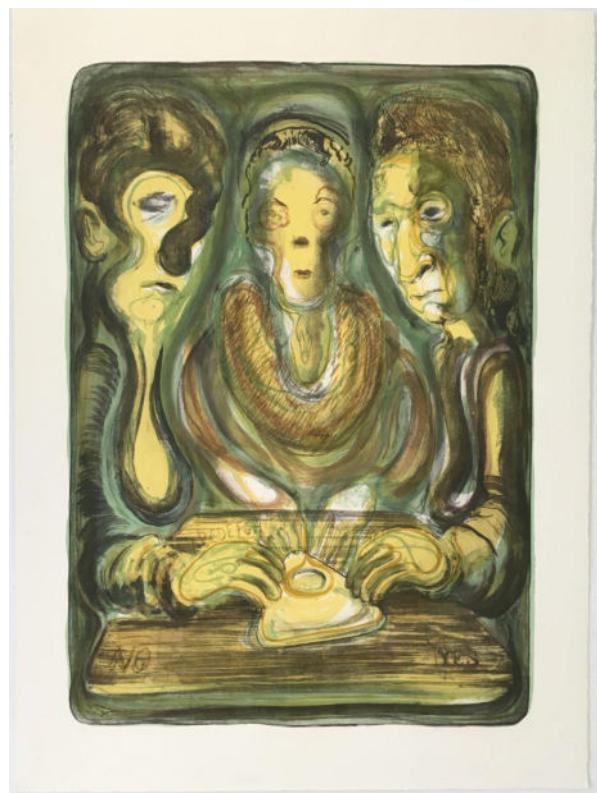


Figura 10: Nicole Eisenman. Ouija. Litografia. 95.3 × 69.5 cm. 2012

Fonte: Artsy. Disponível em: <<https://www.artsy.net/artwork/nicole-eisenman-ouija>> Acesso em: 24 de jun. de 2022.



Figura 11: Iberê Camargo. Solidão. Óleo sobre tela. 200 x 400 cm. 1994

Fonte: Fundação Iberê Camargo. Disponível em: <<http://iberecamargo.org.br/obra/p165/>>. Acesso em: 24 de jun. de 2022.



Figura 12: Cândido Portinari. Jangada e Carcaça. Óleo sobre tela. 73 x 59.5 cm. 1940

Fonte: Google Arts and Culture. Disponível em:
<<https://artsandculture.google.com/asset/raft-and-carcass/2wEYCWb--ygIpA?hl=pt-br>>. Acesso em: 24 de jun.
de 2022.



Figura 13: Odilon Redon. *Apollo's Chariot*. 1906

Fonte: Art Zealous. Disponível em:<<https://artzealous.com/the-art-and-astrology-of-odilon-redon/>>
Acesso em: 25 de jun. de 2022.

3. A ÁGUA

3.1. Água e sua simbologia

A água ocupa cerca de 70% da superfície terrestre, dando ao planeta Terra uma cor azul, sendo até chamado de planeta azul ou planeta água. Para os humanos, ela é um elemento essencial. A biologia ensina que não pode existir vida sem água, todo ser vivo precisa de água para viver. Estima-se que 65% do corpo humano é formado por água e que não é possível ficar sem ingerir água por mais de quatro dias. Além de ser necessária para reprodução humana e formação do feto, que se desenvolve envolvido pelo líquido amniótico.

Para além de fatos biológicos, vemos pela história que a humanidade geralmente se estabeleceu em lugares onde a água é abundante. Assim, puderam criar grandes sistemas de irrigação e prosperarem. Hoje em dia, a água é o material mais usado pela indústria.

Esse elemento também se configura como indispensável na rotina e faz parte da vida de uma maneira muito mais profunda do que pode parecer, principalmente ao falar de cuidados com o corpo e a alimentação. Todos os dias usa-se a água para tomar banho, lavar as mãos, escovar os dentes, lavar os pratos e utensílios, limpar e cozinhar alimentos, preparar o café e etc. A água das casas não é apenas uma água que limpa e cozinha, mas também uma água que conforta, refresca e mata a sede.

É assim que associa-se a água à vida, e ela passa a ter significações mais profundas à humanidade. Em sua dimensão simbólica, é associada à maternidade, ao crescimento, ao desenvolvimento, à fertilidade, à limpeza, à purificação, à reflexão, à fluidez, à regeneração e até à ressurreição e morte.

Pode-se notar essa simbologia surgir na filosofia quando um dos primeiros filósofos anuncia: “Tudo é água”. Essa frase é atribuída a Tales de Mileto, que pregaria a água como substância material primordial e origem de todas as coisas, e assim, todos os seres seriam produtos da transformação da água. Outro filósofo chamado Heráclito acreditava no devir, falava que tudo flui. A ele foi atribuída a frase: “Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, porque tanto a água quanto o homem mudam incessantemente.”(Heráclito/540-470 a.C.) A esse devir, pode-se associar a água e sua simbologia de impermanência, da mobilidade e do caráter passageiro das coisas. Saltando para o século XIX, Feuerbach escreve *A essência do cristianismo* e nele vê-se a humanização da água, colocando a água como objeto de reflexo e reflexão humana, onde o sujeito se vê e se projeta, trazendo a água como símbolo do pensamento e espelho. Nele, Feuerbach diz:

De fato a água nos atrai para o fundo da natureza com seus encantos mágicos, mas só reflete para o homem a sua própria imagem. A água é a imagem da consciência de si mesmo, a imagem do olho humano - a água é o espelho natural do homem. Na água o homem se despe destemidamente de todas as roupagens místicas; à água confia-se ele em sua forma verdadeira, nua; na água desaparecem todas as ilusões sobrenaturais. (Feuerbach, 1988, p. 21-22).

Para Chevalier e Gheerbrant, no Dicionário de símbolos, “a água é a fórmula substancial da manifestação, a origem da vida e o elemento da regeneração espiritual e corporal, o símbolo da fertilidade, da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002 p. 15)

Já Jung, via a água como símbolo do inconsciente e do desejo. Ele traz o arquétipo água em seu livro *Memórias, Sonhos e Reflexões*, descrevendo-o através do mar, como algo que impõe silêncio e grandeza:

O mar é como música; traz em si e faz aflorar todos os sonhos da alma. A beleza e a magnificência do mar provêm do fato de impelir-nos a descer nas profundezas fecundas de nossa alma, onde nos defrontamos conosco, recriando-nos, animando o triste deserto do mar. (JUNG, 1975, p.316)

Gaston Bachelard, escreve a *Água e os Sonhos* e nele estuda os diferentes símbolos e imagens associados à água. Bachelard via a água como uma realidade poética completa. Vê-se esse pensamento no trecho dito pelo mesmo:

Desse modo, a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa. Uma poética da água, apesar da variedade de seus espetáculos, tem a garantia de uma unidade. A água deve sugerir ao poeta uma obrigação nova: a unidade de elemento. (BACHELARD, 2002, p. 17).

Bachelard chega até a citar Jung, segundo ele, Jung disse:

A morte nas águas será para esse devaneio a mais maternal das mortes. O desejo do homem é que as sombrias águas da morte se transformem nas águas da vida, que a morte e seu frio abraço sejam o regaço materno, exatamente como o mar, embora tragando o sol, torna a parí-lo em suas profundidades. Nunca a Vida conseguiu acreditar na Morte (JUNG, apud BACHELARD, 1997, p.75).

Eric Dardel, um famoso geógrafo que fala da relação do homem com a natureza, disse: "Lá onde não existe água, o espaço tem algo de incompleto, de anormal [...]" (2011, p. 19)

Assim, para entender o simbolismo da água, é preciso vê-la em sua totalidade, indissociável de suas formas concretas e valores sociais. Ela é um símbolo-mor que está presente na história da humanidade desde suas origens.

3.2 Água na religião

A religião sempre ocupou um papel fundamental na vida humana, formando a cultura e valores éticos de uma sociedade. Levando em consideração o valor da água nas variadas religiões e culturas por elas permeadas, percebe-se que a água torna-se dimensão essencial da vida especificamente humana.

Em muitas civilizações primitivas, como a Greco-Romana, o mito desempenha um papel fundamental. É nele que as crenças e sabedorias religiosas se estabelecem, impondo princípios morais e valores sociais. Analisando alguns mitos, podemos ver a água sempre muito presente no imaginário Greco-Romano e com uma presença e importância marcante. Muitas vezes, a mesma representava um grande desafio e representava tanto a vida quanto a morte. Podemos vê-la presente em mitos envolvendo a criação do mundo, mitos como o de Narciso e nos que há a presença de seres mitológicos como ninfas, Tétis, Gaia, Oceânides, Nereu, Netuno, Poseidon e outros.

Nas religiões Judaicas-Cristãs, a água é fonte de vida, de morte, destruição e criação tanto do mundo quanto dos homens, associada também a ressurreição, como a conquista de uma segunda chance, e símbolo de travessia. Logo no primeiro capítulo bíblico de Gênesis, a

água é encontrada imediatamente no segundo verso: "E a terra era resíduos e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus estava pairando sobre a face das águas." Água é elemento primordial e desempenha fortes relações entre o homem e a natureza, conferindo vida e transformação a ambos. Na segunda menção, Gênesis 2:5-6 diz: "não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois nenhuma erva do campo tinha ainda brotado; porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra" . Ela é o agente que confere vida ao solo. Aquilo que desce do céu para a terra é também a fertilidade do espírito, a luz e as influências espirituais. Numa outra menção, vê-se o dilúvio, a ordem é abolida e a catástrofe ocorre. Nesta passagem vê-se o poder destrutivo da água, mostrando que ela pode ser tão criadora e sustentadora, quanto destruidora. Em outra passagem, Moisés abre o oceano, salvando os israelitas do Faraó e seu exército, água então como salvação, livramento e, também, sentença de morte para aqueles que não seguem o caminho de Deus. Nesta mesma passagem, a água torna-se especialmente significativa. Sutilmente, em forma nuvem que guia os israelitas em seu caminho pelo deserto durante o dia. A nuvem (de água) torna-se nessa passagem, um signo representacional da presença de Deus. Após a passagem pelo mar vermelho e sobre a divina nuvem, Moisés e seu povo são batizados como símbolo plenamente cumprido e disponível para todos os que chegam à fé e assim, dá-se a água, a capacidade de limpeza espiritual e de presentear a vida eterna. No Judaísmo, o batismo é, também, uma forma de fazer parte da comunidade, um nascer na comunidade judaica.

No Islã, a água está associada tanto ao deserto e aos oásis. Há a imagem dos Córregos do Paraíso e da Água do Paraíso, a importância da água vivificante. Deus é o doador da água e o único senhor sobre ela, a água se tornando metáfora da revelação divina.

No Hinduísmo, o Rio Ganges é uma das maiores referências para os hindus, ele é a personificação da deusa Ganga, que haveria descido a terra. Todos os templos se situam perto de uma fonte de água e as pessoas se banham antes de entrarem no templo. É comum os fiéis terem um pouco da água do rio em suas casas. Os rituais fúnebres também acontecem na água e as cinzas dos mortos são colocadas no rio Ganges, pois acreditam que Ganga limpa os falecidos, absolvendo os pecados, para que eles possam ir para o paraíso ou ter um bom renascimento.

Na cultura brasileira, as religiões de matrizes africanas têm um papel fundamental. Na Umbanda e no Candomblé, há uma sacralização das forças da natureza e ligação dos humanos com a natureza, que vai contra a hierarquização do conhecimento e racionalidade colonial eurocêntrica. Algo que mostra o espírito de resistência no qual essas religiões surgiram. A natureza é, de certa forma, representada pelos orixás e eles têm o comportamento

dos elementos, como fogo, terra, ar e água. A água, nas religiosidades afrobrasileiras, é vista como parte fundamental da existência e vida, e assim assume uma centralidade na crença e na ritualística. Água é cura, é apaziguadora, é renovação, abre e acalma os caminhos. Ela está presente em todos os ritos, cultos e cerimônias. Há uma frase em yorùbá que diz “somente a água fresca apazigua o calor da Terra”. Oxum, Rainha soberana das águas dos rios e cachoeiras, e Iemanjá, Rainha do mar, assumem o lugar de mães de toda a existência, potências criadoras de vida. Como a água está presente em tudo que é vivo, integrando toda existência, então Oxum também está, conectando tudo e a todos.

Aos orixás, que são vulgarmente chamados de Orixás da Água, podemos relacionar os três processos principais no ciclo da água (evaporação; condensação e precipitação; escoamento), segundo Celso Alcântara da Cunha.

Na evaporação, temos o Orixá Oxumaré, Senhor do Arco-Íris, Mensageiro da chuva, Senhor dos Movimentos Cílicos, Símbolo de Continuidade da Vida, Orixá da Riqueza Material e Espiritual.

No processo de precipitação, temos três orixás: Orixá Nanã, associada a chuva fina; Orixá Euá, associada a chuva contínua; Orixá Iansã, associada a chuva forte. Nanã também é conhecida por A Grande Mãe da Lama Primordial, Mãe d'Água, Senhora da Vida e da Morte, associada a reencarnação, quebra de vícios, dissolver medos, negatividades, bloqueios e memórias traumáticas, ajudando os seres a atingir uma evolução equilibrada. Euá é a Deusa do Rio e da Lagoa, Dona do Saber de Dois Mundos, Dama da Magia com poderes de transmutação e recriação. Iansã também é conhecida por A Senhora dos Ventos, Raios, Tempestades e da Chuva Forte.

Na última fase do ciclo, temos os orixás associados à infiltração das águas. Primeiro, temos associados às águas pluviais para rios, riachos e cachoeiras: Orixá Oxum; Orixá Logun e Orixá Obá. Oxum, como dito anteriormente, é a Rainha das Águas Doces, das Cachoeiras e do Rio, Sereia das Águas Doces, Senhora da Fecundidade, Oxum representa sensibilidade, delicadeza feminina, paixão e essência da vida, intercede por situações de união e relacionamento. Orixá Logun também é conhecido como Senhor do Lago Azul, Príncipe das Matas. Orixá Obá é a Senhora do Rio, das Águas paradas e profundas de Lagoas, de Quedas d'água e da turbulência provocada pela junção de dois rios, Protetora de viúvas e dos órfãos, Solucionadora de causas impossíveis e complicadas, ajuda os injustiçados.

Associados às águas dos Oceanos temos: Orixá Iemanjá e Orixá Olokum. Iemanjá é conhecida por ser Rainha das águas do Mar, Deusa da Fecundidade e dos Oceanos, Mãe d'Água, Grande Senhora dos Sete Mares, representação de maternidade, Padroeira dos

pescadores, Aquela que decide o destino e ajuda todos os que enfrentam o mar. Orixá Olokum é o Pai de Iemanjá, Divindade de sabedoria insondável, Senhor das habilidades psíquicas, dos sonhos, da meditação, da saúde mental e da cura à base de água, o mais temido e perigoso dos orixás.

Associados às águas subterrâneas, na conclusão do Ciclo da Água: Orixá Xangô. Orixá da Justiça, Senhor das Pedreiras, do Trovão e do Fogo do Céu, Senhor das Profundezas da Terra, Guerreiro forte, orgulhoso e justiciero, é representado por fogo, trovões e raios, atua em questões relacionadas com a justiça.

Então, vê-se que na dimensão religiosa a água torna-se material ritualístico e simbólico retentor de grandes poderes e vai muito além do material e da usabilidade. A água torna-se signo e linguagem. Torna-se vida eterna, morte, transformação e muitas vezes, torna-se o próprio Divino.

4. DESVENDANDO MEUS SONHOS

4.1. A série Mar de Sonhos

Para realizar a série, foi feito primeiramente, uma pesquisa visual com imagens de pinturas, ilustrações e fotografias que tivessem alguma ligação com meus sonhos, seja na simbologia, no imagético ou no sensorial. Unido a isso, foi feito um diário no qual anotei todos os sonhos, ou parte deles, que tivessem relação com a água. Após esse processo, pude perceber três sonhos que se repetiam de forma semelhante e associar certas imagens aos mesmos. Foi com base nesses sonhos que se desenvolveu a série.

O primeiro desafio que encontrei foi a forma de expressar os sonhos visualmente. Os três sonhos escolhidos são diferentes entre si, e assim escolhi também representá-los de forma diferente. Dessa forma, poderia explorar múltiplas expressões visuais capazes de exprimir os conteúdos oníricos.

Mais importante que os símbolos e imagens presentes nos sonhos, quis representar nas pinturas as sensações e sentimentos sentidos por mim diante deles. Visando uma forma de levar o espectador para dentro de mim durante aquele momento e também reviver os sensorialmente.

Com a série, pretendia desvendar o conteúdo dos sonhos e a simbologia da água presente neles para revelar meu inconsciente e entender mais sobre mim. Desta forma, procurei me deixar guiar pela intuição durante o processo, tentando evitar muita racionalidade para conseguir evocar espontaneidade e meu inconsciente.

4.2. Sobre cada pintura

4.2.1 Passagem

O primeiro sonho escolhido foi um no qual eu me encontro em um lugar fechado, sem janelas. Às vezes esse lugar se assemelha a uma sauna, ou um banheiro aberto com apenas chuveiros, às vezes também parece uma sala de aula, porém com poucos elementos. Normalmente há azulejos e o lugar é claro. Em algum momento, o lugar começa a encher de água, chuveiros não desligam ou é apenas uma água que surge de baixo sem explicação. Tudo acontece bem rápido e quando percebo já estou submersa. Quando a água surge, me assusto,

mas em geral não sinto medo, e quando ela já está quase preenchendo o espaço, é como se eu apenas aceitasse. Não sei exatamente dizer se percebo que irei me afogar, pois essa aceitação não me parece uma aceitação da morte, sinto-me aceitar a situação como um empecilho normal da vida. Há, no entanto, uma sensação de estranheza, tanto pelo lugar quanto pela água e também irritação. Geralmente me sinto presa e frustrada, tento nadar e não saio do lugar, ou tento, inutilmente, desligar os chuveiros e evitar que meus pertences se molhem e/ou se vão na água. Minha memória, ou possivelmente o próprio sonho, acaba quando a água está prestes a cobrir meu rosto e inundar o local.

Ao refletir sobre esta pintura, foi impossível não pensar e me inspirar na série de saunas pintadas pela artista carioca Adriana Varejão. Quando ainda estava pensando sobre minha série e nos sonhos que representaria, tive a oportunidade de ir numa exposição da artista e me deparei com esse trabalho pela primeira vez. O primeiro quadro que vi foi Sauna Musa (figura 14) e no mesmo momento veio a imagem de meus sonhos, uma sensação de *Déjà vu*. Fiquei muito impactada com a série e ela despertou em mim todas as sensações de meus sonhos novamente. Essa experiência me fez ter ainda mais vontade de pintar esse sonho, pois para mim, é muito curioso pensar nessas imagens que são compartilhadas pela humanidade, como Jung falava no conceito de inconsciente coletivo.



Figura 14: Adriana Varejão. Sauna Musa. Óleo sobre tela. 50 x 60 cm. 2004

Fonte: Pinterest. Disponível em:<<https://br.pinterest.com/pin/486881409714087703/>>. Acesso em 10 de jul. de 2022.

Segundo Segundo Marie-Louise von Franz em *O Caminho dos Sonhos*, o banheiro tem a ver com o simbolismo de purificação pela água, o simbolismo do batismo.

Para fazer a pintura, chamada de Passagem (figura 17), optei por representar o momento em que a água já está quase a inundar o espaço, momento no qual se encerra minha lembrança. Fiz essa escolha pois julgo esse momento o mais pertinente no sonho. Ademais, me interessa a representação da divisão de espaços e posso ver isso em vários outros trabalhos meus, como em Escalda (figura 15), Mergulhar (figura 2) e em Afogar (figura 3).

Optei por uma paleta mais dessaturada e um contraste de análogos, com tons de verde e azul principalmente. Este contraste, sem muitos saltos, traz uma transmissão mais lenta e também mais silenciosa, trazendo para a pintura um ar mais introspectivo e íntimo.

De acordo com o livro *A Psicologia das Cores* de Eva Heller, o azul representa, muitas vezes, o divino e o verde a natureza, algo mais terreste. Assim, a união dessas cores pode trazer uma união entre o divino e o humano. Eva Heller diz isso na passagem: “Ao contrário do divinal azul, o verde é terrestre, é a cor da natureza. No acorde azul-verde, o céu e a terra se unem. Com o verde, o azul divino se torna o azul humano.”(pg 47. 2000)

Através do verde e do amarelo ocre, quis trazer uma estranheza a este lugar, como a sensação que há no sonho. A combinação de verde e amarelo, segundo também o livro *A Psicologia das Cores* de Eva Heller, são as cores da bile, podendo representar algo estranho, grotesco e também a mágoa eterna.



Figura 15: Escalda. Óleo sobre madeira. 23 cm de raio. 2021

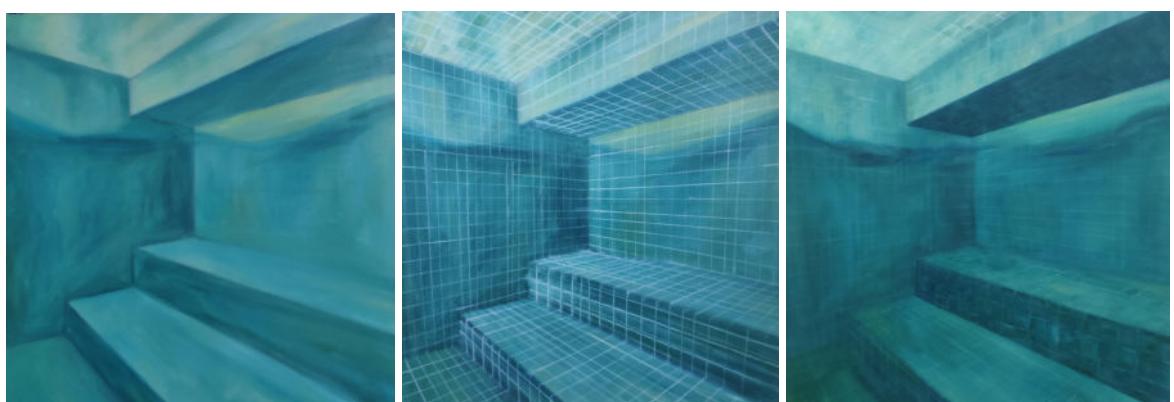


Figura 16: Processo da pintura Passagem



Figura 17: Passagem. Série Mar de Sonhos. Óleo sobre tela. 50 x 50 cm. 2022

4.2.2 Encruzilhada e Voragem

O segundo sonho escolhido foi o qual se repete com muita frequência. Nele estou em uma praia, ou perto, e há uma tsunami ou ondas bem grandes, que puxam tudo e todos. Às

vezes, ao invés de uma onda, a maré começa a subir muito e a água vai de encontro a mim. Na maior parte desses sonhos, aceito ser levada pela água, sem muita luta ou medo, e muitas vezes até consigo voltar a areia ou/e tento acalmar as pessoas à minha volta. Porém, há outros em que o medo está presente, nos quais luto para me soltar nas correntezas fortes que me arrastam cada vez mais. Em outros, até corro dessa água que parece me seguir.

Novamente, assim como no sonho anterior, há possivelmente uma morte. Pois, em muitos, não consigo voltar para a areia. Isso me remete Bachelard, pois para ele “um ser ligado a água, é um ser em vertigem”, ele diz isso na passagem:

O ser voltado à água é um ser de vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. Em numerosos exemplos veremos que para a imaginação materializante a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra: o sofrimento da água é infinito. (BACHELARD, 1997)

Para representar esse sonho, escolhi fazer dois quadros abstratos. Como dito anteriormente, estava mais interessada em exprimir a sensação, e assim, ao meu ver, o abstrato poderia fazer melhor esse papel, trazendo a sensação do mar. Foi usado referências de fotos do mar e de ondas, pois creio que esse processo torna a pintura mais profunda e sensível.

Para o primeiro, quis representar os sonhos em que a sensação de estar no mar é mais leve e mais bonita. Nos quais, mesmo sendo arrastada por essa onda, aceito e me deixo envolver pelo mar. Assim, quis representar a imensidão das águas e a sensação ambígua de ser puxada e abraçada por essa água violenta. Já para o outro, quis representar os sonhos em que há mais medo e a sensação de estar aprisionada.

No primeiro, chamado de Encruzilhada (figura 20), quis trazer a sensação de estar envolvida na imensidão do mar e também sua força. Para isso, foi escolhido tons saturados de verde e azul principalmente. Sobre a cor azul, Eva Heller no livro *A Psicologia das Cores* diz: “O azul é o céu – portanto azul é também a cor do divino, a cor eterna. A experiência constantemente vivida fez com que o azul fosse a cor que pertence a todos, a cor que

queremos que permaneça sempre imutável para todos, algo que deve durar para sempre.”(pg 47. 2000)

Acabei escolhendo, inconscientemente, uma composição com uma fenda diagonal, novamente dividindo a composição em duas. Já observei este tipo de composição em outros trabalhos, como no caso de Gênesis (figura 18). O curioso é que neste quadro abordo o tema da criação, por isso o nome, e assim também, uma essência da vida..



Figura 18: Gênesis. Acrílica sobre tela. 55 x 92 (díptico). 2022



Figura 19: Processo da pintura Encruzilhada



Figura 20: Encruzilhada. Série Mar de Sonhos. Óleo sobre madeira. 80 x 60 cm. 2022

Na segunda pintura, chamada de Voragem (figura 24), optei por saltos mais bruscos, tanto na cor quanto nas pinceladas, com tons saturados e camadas mais grossas de tinta. Dessa forma, queria que aparecesse um lado mais violento do mar. Escolhi uma composição que tivesse um formato redondo de espiral, para que trouxesse a imagem de vórtex e a sensação de aprisionamento. Para traçar o movimento espiral da onda, usei a sequência de Fibonacci. Na tentativa de representar uma onda e seu movimento, a pintura tornou-se mais figurativa do que inicialmente planejado.

Para trazer movimento à pintura, usei a espátula para pintar. Essa plasticidade trazida pela espátula, me lembrou outras duas pinturas minhas: Mergulhar (figura 2) e Ruptura (figura 21). Nas duas abordo um estado de mudança, despersonalificação e busca por um impermanência inalcançável. Também me remeteu uma outra pintura abstrata, Corrente (figura 22), na qual fui igualmente inspirada por uma onda. A partir dessas e a outra lembrança da pintura Genesis, passei a ver esse sonho como uma possível ressurreição, algo entre a vida e a morte, simbolizando um possível chamamento espiritual e uma necessidade de transformação.

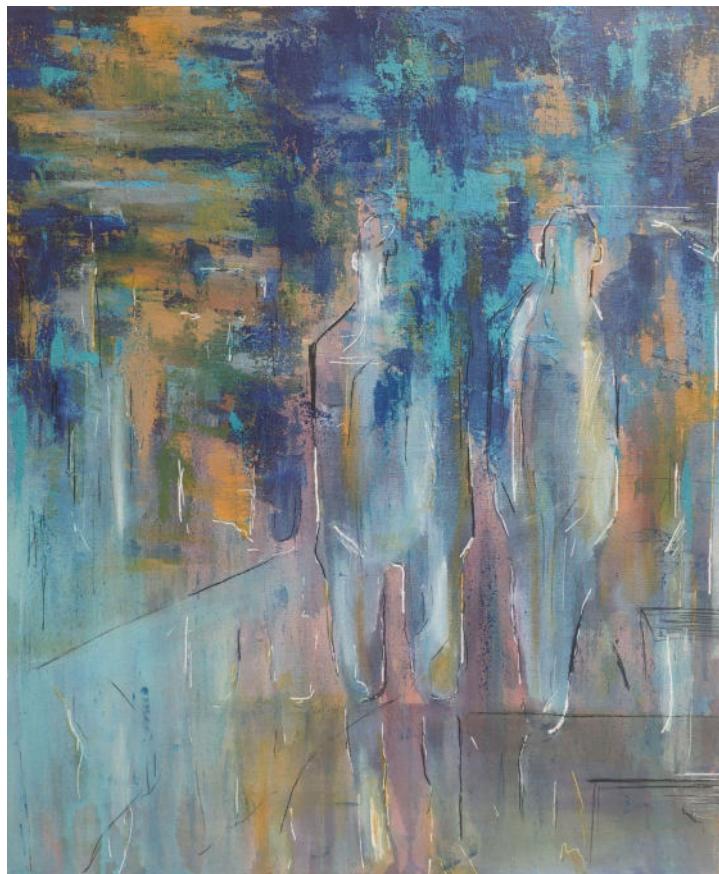


Figura 21: Ruptura. Acrílica sobre tela. 55 x 46 cm. 2022



Figura 22: Corrente. Óleo sobre papelão entelado. 21 x 21 cm. 2021



Figura 23: Processo da pintura Voragem



Figura 24: Voragem. Série Mar de Sonhos. Óleo sobre tela. 60 x 40 cm. 2022

4.2.3 *Self*

O terceiro sonho escolhido foi o menos frequente e menos conciso, porém o qual mais me intriga. Nele, surge a presença de uma mulher e esta tem sempre uma ligação com a água. A imagem dela nunca está muito clara pra mim na memória consciente, porém consigo me recordar que ela tem pele bem clara, às vezes até realmente branca de uma maneira fantasmagórica, cabelo liso longo escuro e traços asiáticos. Sempre há nela algo de sobrenatural. Ela geralmente aparece de uma forma indireta ou meio fantasmagórica. Em um desses sonhos, essa pareceu para mim em uma banheira, saiu das águas e ficou apenas me encarando. Em outro, cheguei até a pintá-la durante o próprio sonho, a pintei no fundo do mar em aquarela, em tons de verde e azul.

Este sonho é o único que consigo identificar possivelmente um arquétipo junguiano, que seria o *Self*. Já que o mesmo geralmente aparece nos sonhos como uma figura mágica do mesmo sexo que o sonhador.

Foi pensado, primeiramente, em fazer uma pintura em aquarela, como a que havia feito no sonho, mas após alguns estudos (figura 29), percebi que gostaria de passar algo místico e sombrio nesta pintura e, assim, um fundo escuro seria mais apropriado, escolhendo então a técnica da tinta a óleo. Queria que além da imagem dessa mulher surgir neste fundo de forma sobrenatural, que ela lembrasse o sonho em que a mesma surgiu das águas para mim. Eu resolvi incluir elementos abstratos que se fundissem ao seu retratado para representar uma indefinição, obscuridade, complexidade e misticidade. Por isso também, optei pela omissão dos olhos, para trazer a indefinição que há na imagem desta mulher, já que a mesma nunca é muito clara para mim na memória consciente, e também trazer misticidade. Para essa omissão, escolhi formas circulares com a intenção de representar novamente o conceito de *Self*, e um movimento interior. Essas formas circulares, inclusive, me remeteram ao movimento espiral escolhido para a pintura Voragem (figura 24).

Para a realização desta pintura, me inspirei nas pinturas do artista Michele Petrelli, um artista contemporâneo italiano, que pinta retratos numa atmosfera fantástica. A figura desta mulher também me remete às figuras femininas encontradas nas pinturas de Hu Jundi.

Nomeei a pintura de *Self* (figura 32) e preferi usar contrastes mais marcantes, com mais saltos. Eu escolhi um azul bem escuro do fundo, para trazer um aspecto fantasioso, como dito anteriormente, mas também para dar a impressão de abrir o espaço e de espaços vazios, trazendo um aspecto frio, distante e irreal. De acordo com o livro A Psicologia das Cores de

Eva Heller, o azul pode representar esse fantástico e o contraste de laranja, violetas e rosas, também traz esse aspecto de fantasia.

Novamente, pude ver algumas outras pinturas anteriores refletidas nesta. A primeira pintura que associo é a Substância (figura 25). Na qual eu abordo a mistura do sujeito com o cosmos, associa-se a água profunda e a infinidade, um mergulhar na alma e dentro de si mesmo. O nome vem do conceito de substância para a metafísica, que fala sobre o que há de permanente nas coisas que mudam e também desta substância primordial que seria compartilhada por tudo. Mas também vejo outros trabalhos nas quais também represento rostos submersos, geralmente omitindo a parte dos olhos, como em Refresco (figura 26).

Também quis que as linhas abstratas lembressem vagamente os reflexos d'água, por conta do sonho em que a mesma aparece nas águas, e isso fez com que eu me lembrasse de outros dois trabalhos abstratos (figura 27 e figura 28) que também contêm esses reflexos.

Outra pintura que veio à minha mente enquanto pintava foi um auto retrato que fiz em 2016 (figura 29), quando havia iniciado o curso de Artes Visuais na UERJ. O exercício de auto retrato foi proposto em uma das disciplinas e por ainda não ter tanta afinidade com a pintura, tive que pensar numa solução mais simples capaz de representar o que eu queria. Essa solução acabou me lembrando levemente este quadro.

O *Self* sendo esse reflexo de nós mesmo e tendo uma ligação com um divino e superior torna as semelhanças com essas pinturas em específico ainda mais interessantes.



Figura 25: Substância. Óleo sobre madeira. 50 x 50 cm. 2021

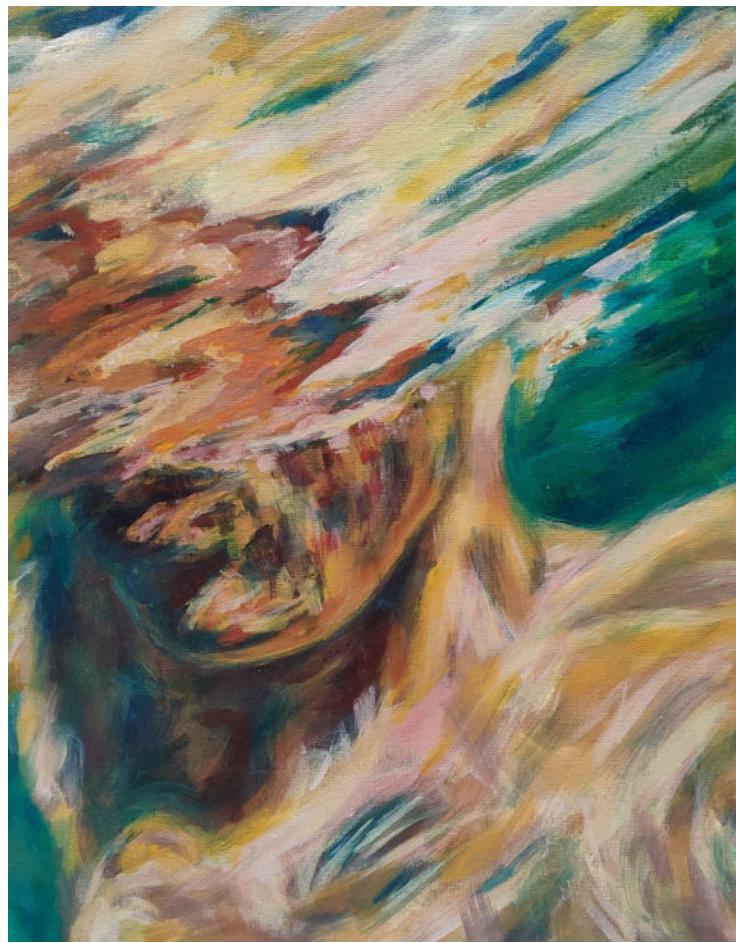


Figura 26: Refresco. Acrílica sobre tela. 30 x 24 cm. 2021



Figura 27: Adentro. Aquarela e pastel oleoso sobre papel. 21 x 21 cm. 2021



Figura 28: Reflexo Aquarela e pastel oleoso sobre papel. 21 x 29 cm. 2021



Figura 29: Auto retrato. Guache sobre papel. 29 x 21 cm. 2016

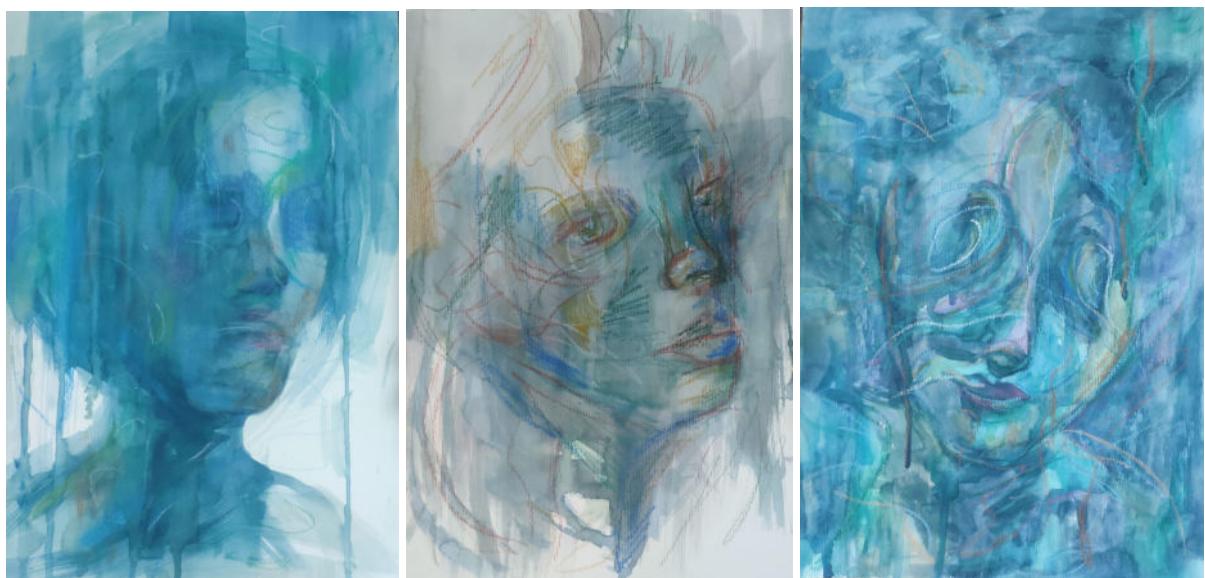


Figura 30: Estudos em aquarela para a pintura *Self*



Figura 31: Processo da pintura *Self*



Figura 32: *Self*. Série Mar de Sonhos. Óleo sobre tela. 46 x 38 cm. 2022

5. PARA ALÉM DOS SONHOS

Fazer esta série foi uma experiência muito interessante e até fascinante. Ao pintar meus sonhos, pude evocar o meu inconsciente de uma forma que eu não imaginava e explorar o conceito de inconsciente coletivo. Para a psicanálise, as obras de arte são como sonhos diurnos e foi isso que senti ao realizar esta série. Enquanto pintava, principalmente o primeiro quadro que é o mais literal, pude observar *flashes* deste e de outros sonhos surgindo na minha mente.

Também fui percebendo que há semelhanças entre a pintura, a água e os sonhos. A artista Louise Shizue Kanefuku ao realizar uma série sobre insônia em 2015, compara os sonhos ao desenho. Ela diz:

Desenho e sonho também se aproximam a medida em que em ambos é possível projetar o que não pode ser experienciado em condições normais do mundo real. Segundo a concepção freudiana, o sonho é movido pelo desejo, que evoca memórias do passado e permite ao sonhador, de alguma maneira, satisfazer anseios. Afirmação em que a palavra ‘sonho’ poderia tranquilamente ser substituída por ‘desenho’.
(KANEFUKU, 2015)

Ao ler essa passagem, fiquei muito intrigada e percebi que também poderiam substituir tranquilamente a palavra ‘sonhos’ por ‘pintura’. Neles há uma percepção diferente da vida e também há um infinito de possibilidades. A artista continua também fazendo uma comparação com a água e diz: “Na água, assim como no sonho e no desenho, as coisas acontecem de um modo distorcido. O som, a gravidade, a visibilidade e a nossa percepção em geral se encontra alterada.”(KANEFUKU, 2015).

A imagem antecede a palavra, e assim é uma forte e poderosa forma de expressão, tendo um espaço muito especial para nós pintores, e assim também podem ser os sonhos. Na água, na pintura e nos sonhos há a possibilidade de experimentar e expressar novas realidades.

Bachelard afirma que ‘a água é a matéria em que a Natureza, em reflexos comoventes, prepara os castelos do sonho’ (BACHERLARD, 1997). Ele também associa a água, os sonhos e o tempo:

O verdadeiro olho da terra é a água. Nos nossos olhos, é a água que sonha. Nossos olhos não serão ‘essa poça inexplorada de luz líquida que Deus colocou no fundo de nós mesmos’? Na natureza, é novamente a água que vê, é novamente a água que sonha. ‘O lago fez o jardim. Tudo se compõe em torno dessa água que pensa’. Tão logo nos entregamos inteiramente ao reino da imaginação, como todas as forças reunidas do sonho e da contemplação, compreendemos a profundidade do pensamento de Paul Claudel: ‘A água, assim, é o olhar da terra, seu aparelho de olhar o tempo’.

(BACHERLARD, 1997)

Essa junção de sonhos, água, pintura e também vida, foi percebida também nas coincidências encontradas com as pinturas desta série e as minhas pinturas anteriores. Obviamente que há uma tendência estilística e também uma memória, até mesmo uma memória muscular na forma de pintar, que torna essas coincidências normais e até esperadas. Porém, acho extremamente curioso essas correspondências ao se tratar de sonhos e inconsciente. Analisar o conteúdo simbólico das minhas pinturas anteriores me ajudaram a entender melhor os possíveis conteúdos dos meus sonhos. Em minhas pinturas, venho abordando meu íntimo e a relação com o mundo, e isso também está presente nos conteúdos oníricos.

Meus sonhos foram muito importantes para que eu começasse a explorar a poética que desenvolvo hoje e trouxesse meu inconsciente de alguma forma para os quadros. Assim, pude perceber que meus sonhos sempre estiveram presentes nas minhas pinturas, mesmo que eu não percebesse anteriormente a ligação direta entre eles. Foi profundamente intrigante chegar a esta conclusão e também perceber o quanto essas imagens estão presentes em minha mente, o que me faz pensar novamente no conceito de inconsciente coletivo.

Atrelado a isso, também vejo esse olhar mais atento aos sonhos, ao conteúdo inconsciente, o ato de pintar e se dedicar a arte como revolucionários e uma aversão ao mundo de hoje. No mundo moderno e tecnológico, não há espaço para uma busca interna, nem para atividades que estimulam reflexões, não há pausas para nos dedicarmos a nós mesmos, para dormir e muito menos para sonhar. Jonathan Crary em seu livro *24/07: Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*, associa o sono a um refúgio do ser humano ao mundo capitalista:

A maioria das necessidades aparentemente irredutíveis da vida humana - fome, sede, desejo sexual e recentemente a amizade - foi transformada em mercadoria ou investimento. O sono afirma a ideia de uma necessidade humana e de um intervalo de tempo que não pode ser colonizado nem submetido a um mecanismo monolítico de lucratividade, e desse modo permanece uma anomalia incongruente e um local de crise no presente global. (...) A verdade chocante, inconcebível, é que nenhum valor pode ser extraído do sono. (CRARY, 2014)

Ele também afirma o sono como libertação:

O sono é uma remissão, uma liberação da “permanente continuidade” de todas as tendências em que estamos imersos quando acordados.[...] É uma forma de tempo que nos leva a outro lugar que não às coisas que possuímos ou de que supostamente precisamos. (CRARY, 2014)

Eu, que sempre vi a água como refúgio, percebi que meus sonhos e a pintura também são um.

Tudo isso também se une a religião, principalmente as crenças fora da religião Cristã, que muitas vezes são subjugadas pela sociedade como crenças inocentes e ignorantes. Jung, inclusive, era um autor que defendia a função religiosa da alma, e dizia que os valores supremos se encontrariam na alma, o que formaria o material para os dogmas religiosos se desenvolverem. Ele disse: “seria uma blasfêmia afirmar que Deus pode manifestar-se em toda parte, menos na alma humana” (Jung, op. cit.: 11). E em outro momento disse: “...já fui acusado de ‘deificar a alma.’ Isto é falso, não fui eu, mas o próprio Deus quem a deificou!” (Jung, op. cit.: par 14).

João Augusto dos Reis Neto em *Pensar-Viver-água em Oxum para (Re)encantar o Mundo*, fala sobre o ser-pensar-viver-água, como um outro modo de ver e existir no mundo.

Seria uma vida fora da lógica colonial individualista, uma vida inspirada pelo caráter fluido e vivo da água, voltada para o (re)encantamento e conexão. Acredito muito nesta outra forma de viver, aprendida com a água, e agrego isso também à pintura. Esta série me mostrou novamente e reforçou em mim a forma que a arte e a água me ensinam sobre mim mesma, sobre o mundo e sobre como existir e me relacionar com ele.

Sempre houve em minha pintura um desejo de pausa, de me escutar e me entender, e um desejo de despertar essa reflexão nos outros também. Percebi, ao longo desse trabalho, que esse desejo se une a outros aspectos da minha vida, se une à água, ao meu interesse na psicologia e à religião, e também está presente nesta busca de reflexão sobre os sonhos. E assim, considero que essa pesquisa foi satisfatória e atingiu seus resultados esperados. Porém, também a considero inconclusa, já que essa talvez seja uma pesquisa passível de uma vida inteira. E assim, pretendo dar continuidade às investigações, tanto práticas, quanto teóricas desenvolvidas aqui.

Gostaria de terminar este trabalho com uma citação do artista Amílcar de Castro sobre ser artista: “O que caracteriza um artista é ele olhar para dentro de si mesmo. Toda experiência em arte é um experimentar-se, é a experiência de si mesmo, é uma pesquisa em você mesmo.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Wanessa Santana. **Um estudo entre as teorias de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, a partir da obra A Interpretação dos Sonhos.** 2020. Dissertação (Mestrado em psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2020.

ALMEIDA, Jorge de. Sobre os sonhos e o surrealismo: Theodor Adorno e André Breton. **Literatura e Sociedade**, n. 10, p. 148-161, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.** Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo. Martins Fontes. 1997

BRUNI, José Carlos. A água e a vida. **Tempo social**, v. 5, p. 53-65, 1993.

CARRUTHERS, Victoria. **Dorothea Tanning - an unusual surrealist with a unique female gaze.** [S.l.], 5 maio 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/dorothea-tanning-an-unusual-surrealist-with-a-unique-female-gaze-131214>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CRARY, Jonathan. **24/7 - Late Capitalism and the Ends of Sleep.** Tradução: Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014

CUNHA, Celso Alcântara da et al. **A Umbanda e a divinização do elemento água.** 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2019.

DA SILVA, Elmo Rodrigues. **O curso da água na história: simbologia, moralidade e a gestão de recursos hídricos.** 1998. Tese de Doutorado. Tese de doutoramento, Escola Nacional de Saúde Pública.

DOROTHEA Tanning. [S. l.], 7 ago. 2013. Disponível em: <https://www.dorotheatanning.org/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

DOS REIS NETO, João Augusto. **PENSAR-VIVER-ÁGUA EM OXUM PARA (RE) ENCANTAR O MUNDO. Revista Calundu–Vol**, v. 4, n. 2, 2020.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos.** L&PM Editores, 2019.

GOEDERT, Valter Maurício. O simbolismo da água. **Revista Encontros Teológicos**, v. 19, n. 1, 2004.

GUINSBURG, Jacó; LEIRNER, Sheila. **O surrealismo**. Editora Perspectiva SA, 2020.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Editora Olhares, 2022.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Editora Vozes Limitada, 2011.

KANEFUKU, Louise Shizue. **A água, o sonho e a insônia: possibilidades poéticas no desenho**. 2015. Trabalho de conclusão de graduação. Curso de Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. A simbologia da água no imaginário grego. **Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 7, n. 12, 2008.

RANGEL, Maria Cristina; GOMBERG, Estélio. A água no candomblé: a relação homem-natureza e a geograficidade do espaço mítico. **Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PGE/UEM)**, v. 8, n. 1, p. 23-47, 2016.

RIBEIRO, Janete dos Santos. **Tradutor de ondas e de sonhos: o contista Mia Couto e a fluidez simbólica da água**. 2018.

RICHTER, Lorena Kim. **A concepção de religião no pensamento de CG Jung**. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

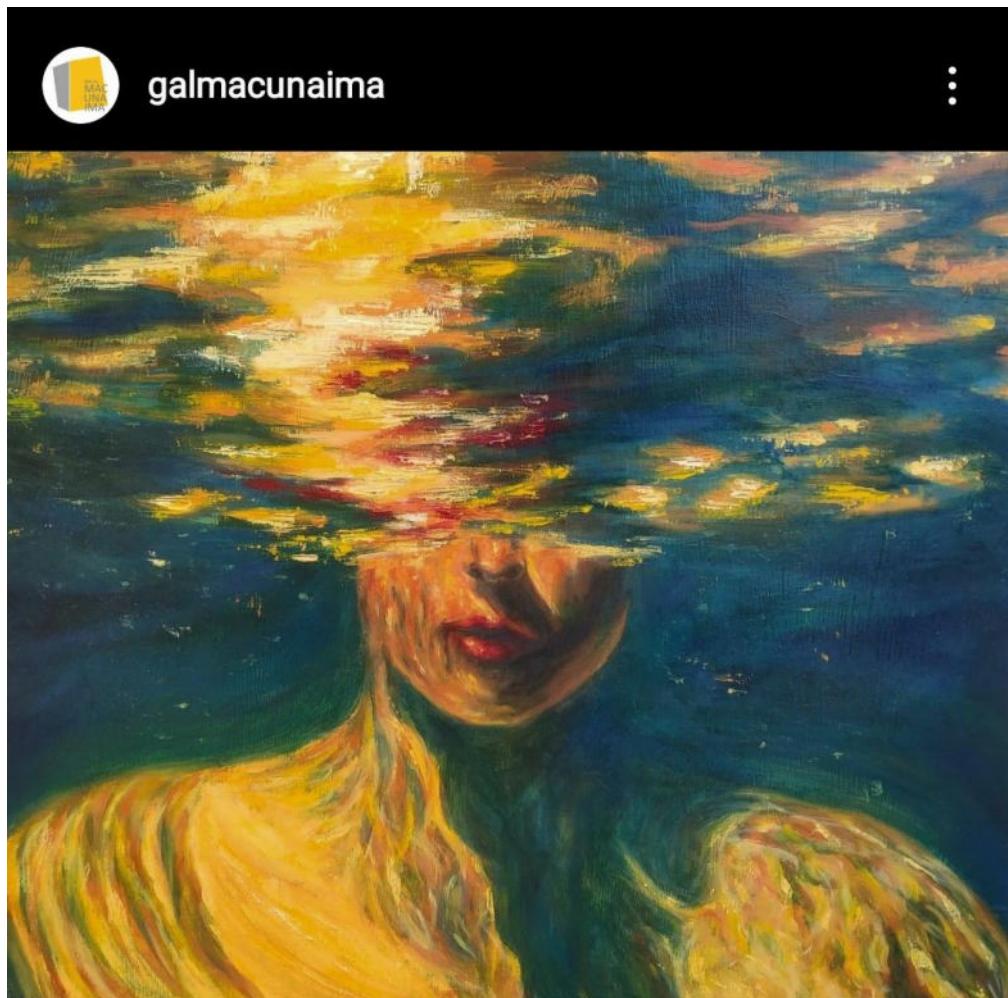
VON FRANZ, Marie-Louise; BOA, Fraser; GAMBINI, Roberto. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1992.

ZAIDEM, Fabiana da Costa. **A teoria junguiana sobre os sonhos: base para a prática analítica**. Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2013.

ANEXO
Exposição Individual

Exposição Virtual - Afundo.

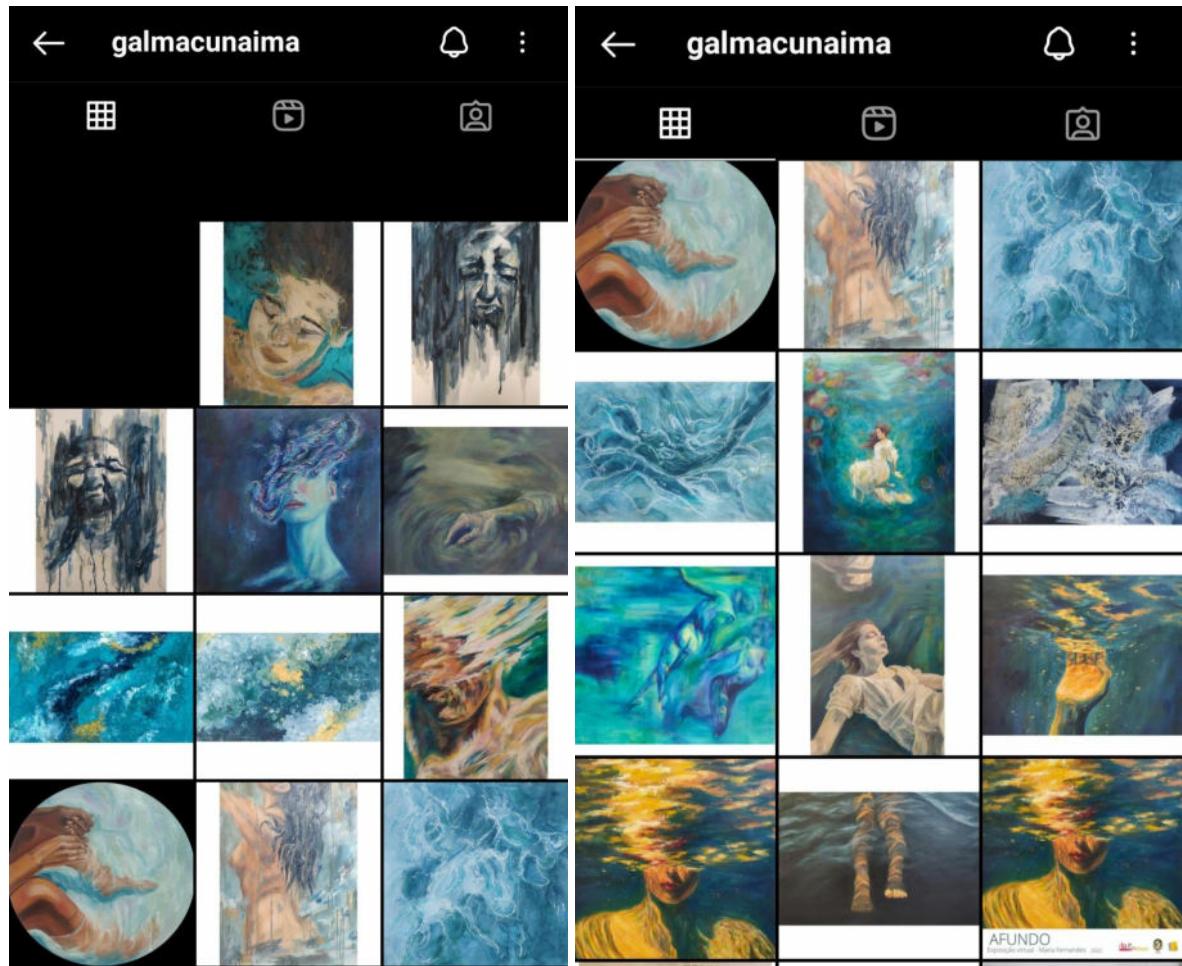
Realizada no *Instagram* da Galeria Macunaíma - @galmacuima, em 12 de junho de 2022.



AFUNDO
Exposição virtual - Maria Fernandes 2022



Imagen do cartaz da exposição Afundo retirada do *Instagram* @galmacuima



Imagens da exposição Afundo retirada do *Instagram* @galmacunaima



galmacunaima

⋮



Curtido por **eduardaterra** e outras pessoas

galmacunaima 4 Ofélia

óleo sobre madeira

80x55 cm

2021

Imagen de uma obra da exposição Afundo retirada do *Instagram* @galmacunaima

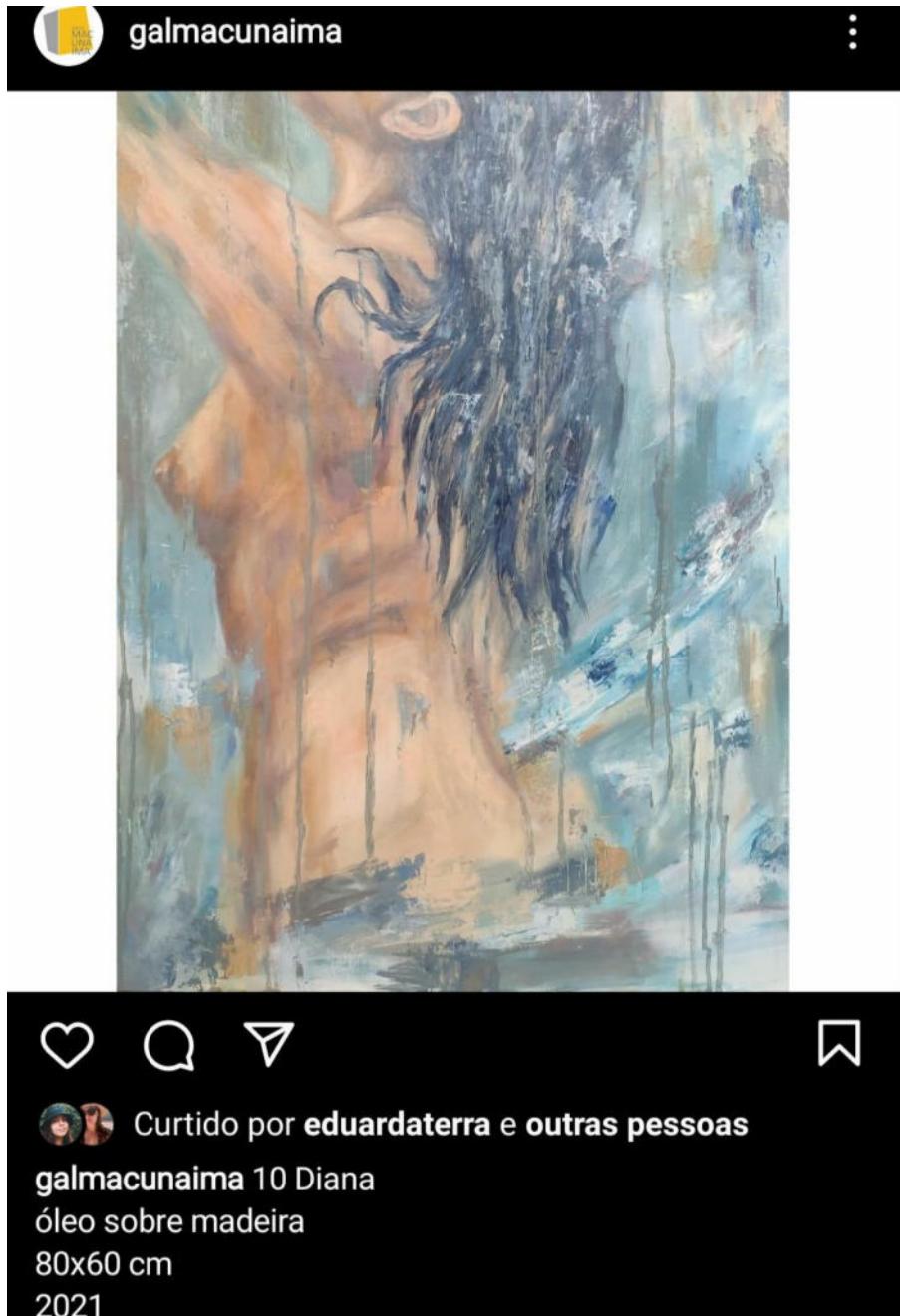


Imagen de uma obra da exposição Afundo retirada do *Instagram* @galmacunaima

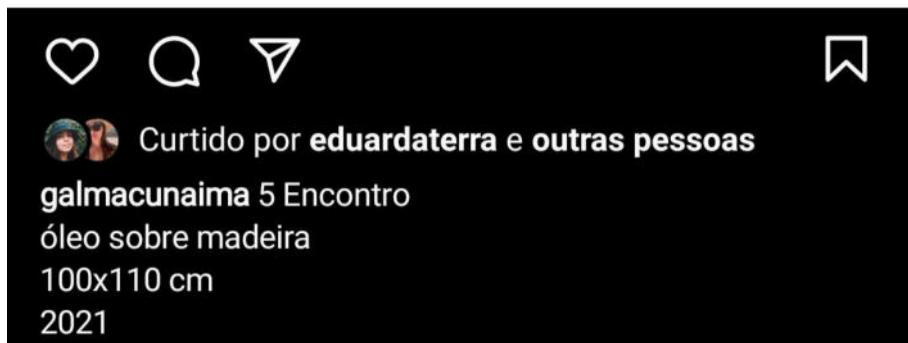


Imagen de uma obra da exposição Afundo retirada do *Instagram* @galmacunaima

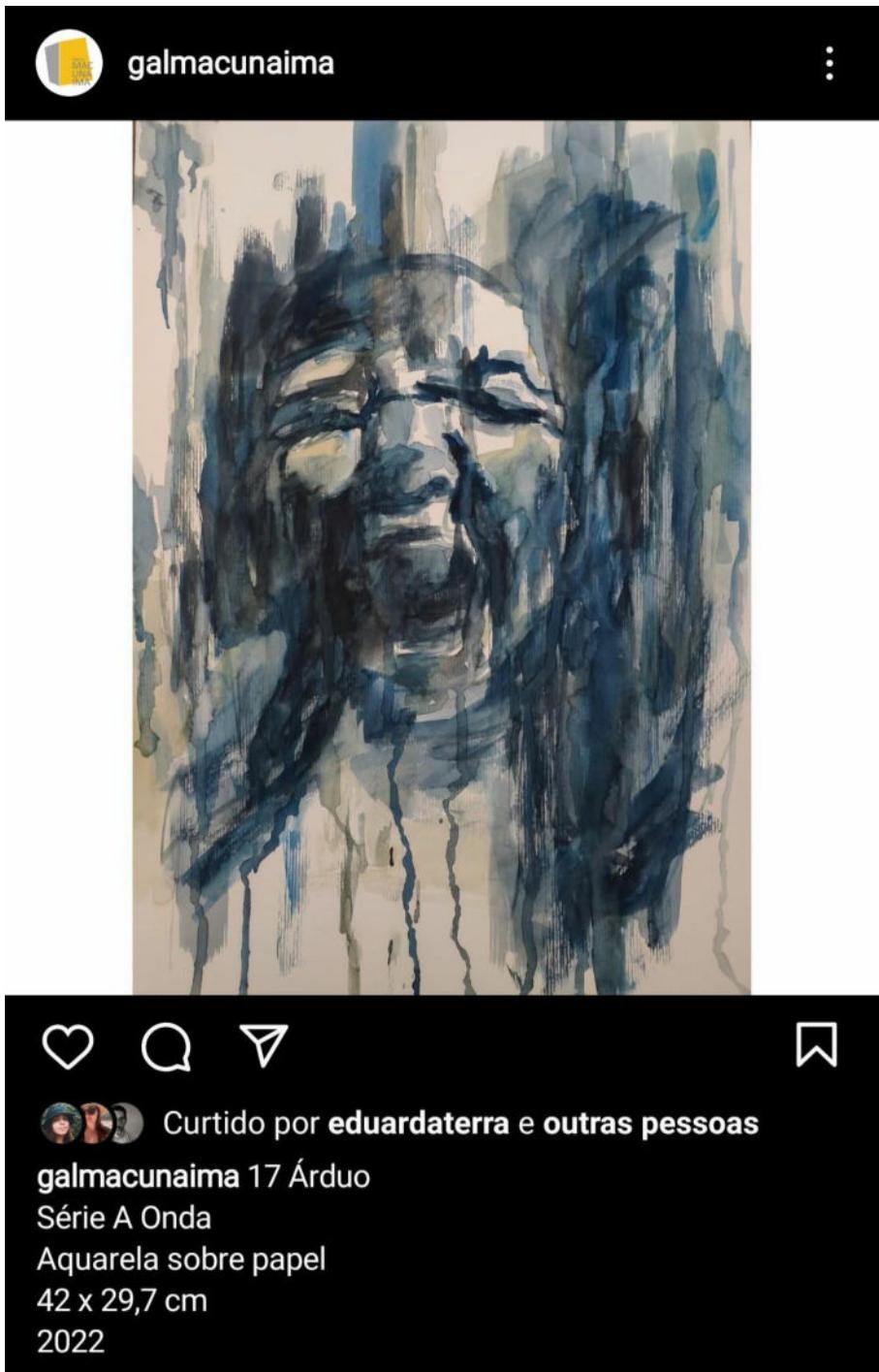


Imagen de uma obra da exposição Afundo retirada do *Instagram* @galmacunaima

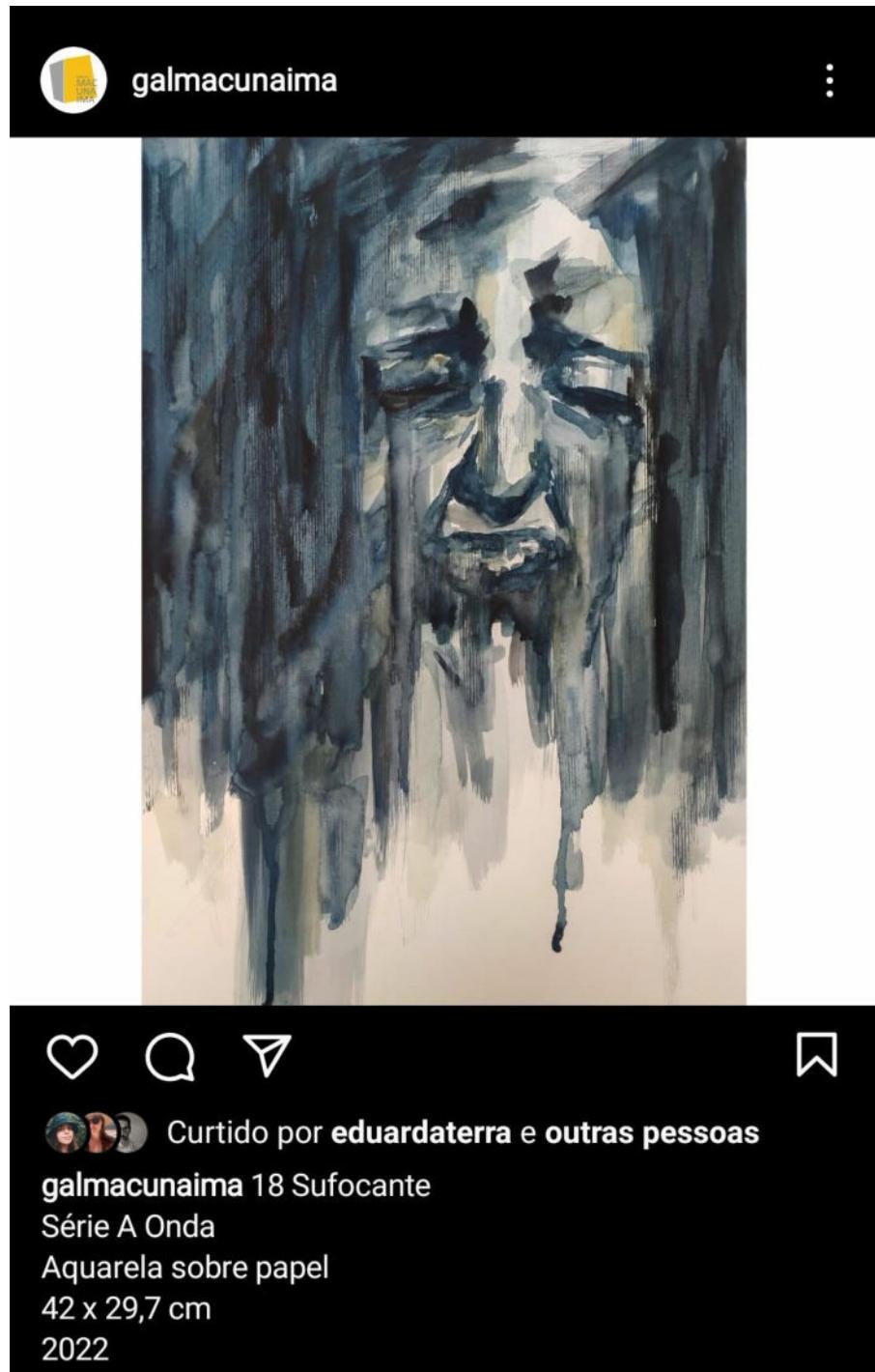
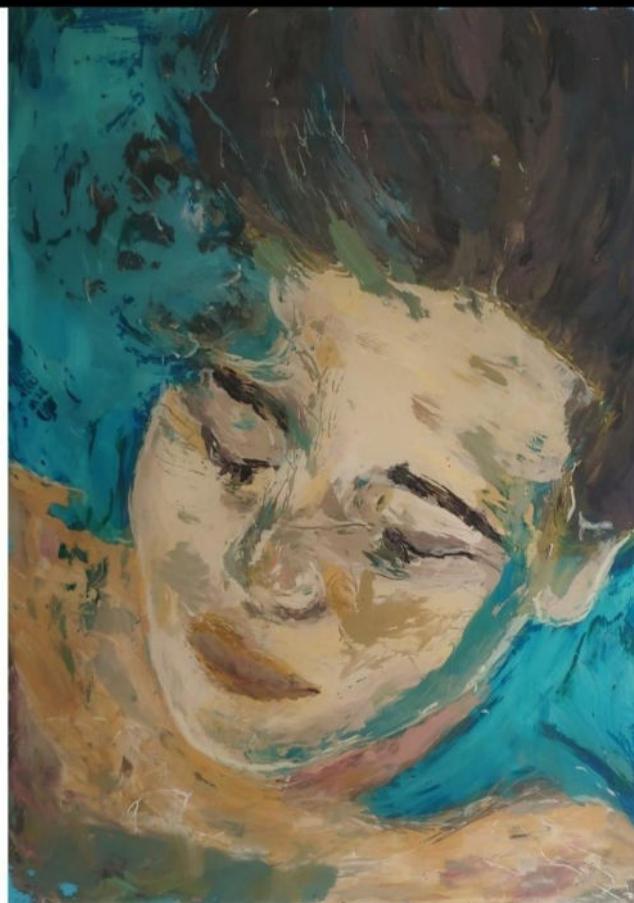


Imagen de uma obra da exposição Afundo retirada do *Instagram* @galmacunaima



galmacunaima

⋮



Curtido por **eduardaterra** e outras pessoas

galmacunaima 19 Impressão

acrílica sobre vidro

30x20 cm

2021

Imagen de uma obra da exposição Afundo retirada do *Instagram* @galmacunaima

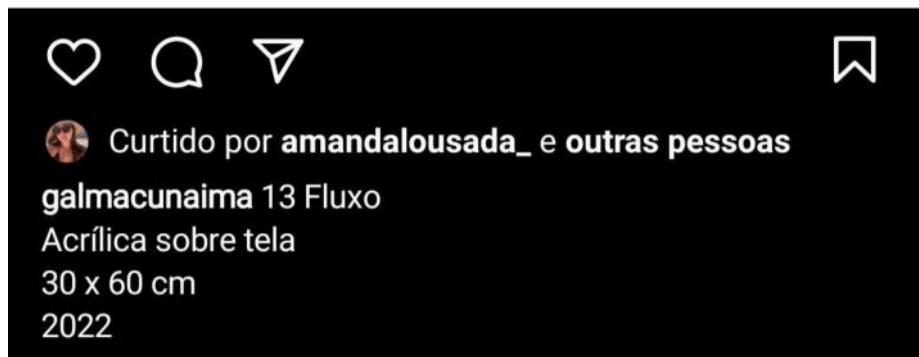
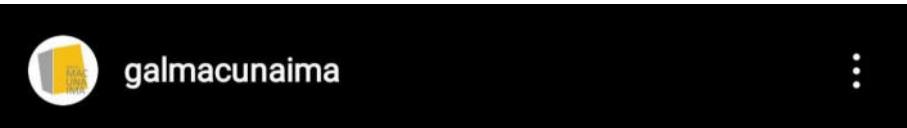


Imagen de uma obra da exposição Afundo retirada do *Instagram* @galmacunaima

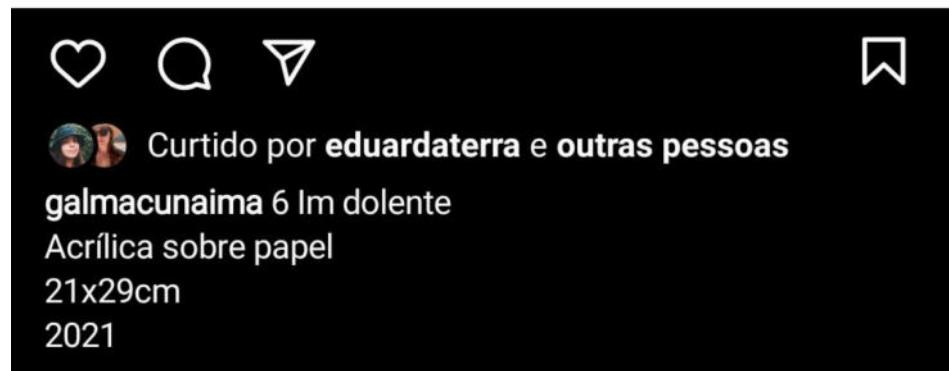
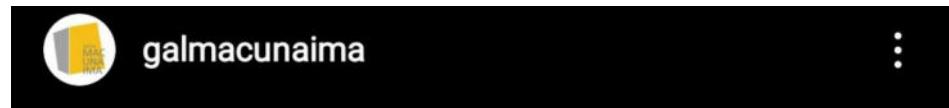


Imagen de uma obra da exposição Afundo retirada do *Instagram* @galmacunaima